

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS QUIRINÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM AMBIENTE E
SOCIEDADE**

GERCIMAR MARTINS CABRAL COSTA

**POTENCIAL DE ECOTURISMO, MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DE
CACHOEIRAS EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL**

**QUIRINÓPOLIS – GO
2025**

GERCIMAR MARTINS CABRAL COSTA

**POTENCIAL DE ECOTURISMO, MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DE
CACHOEIRAS EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação *Stricto
Sensu* em Ambiente e Sociedade, da
Universidade Estadual de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Isa Lucia de
Moraes.

**QUIRINÓPOLIS – GO
2025**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/UEG)

Na qualidade de titular dos direitos autorais, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente minha obra, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019, sem resarcimento de direitos autorais, conforme a Lei nº 9610/98 e de acordo com as permissões assinaladas abaixo. Essa autorização abrange fins de leitura, impressão e/ou download, visando à divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Declaro estar ciente de que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO

Dados do autor

Nome completo: Gercimar Martins Cabral Costa
E-mail: gercimarmartins@gmail.com

Dados do trabalho

Título: Potencial de ecoturismo, mapeamento e caracterização de cachoeiras em Quirinópolis, Goiás, Brasil
Nº de páginas: 96
Nome orientador(a): Isa Lucia de Moraes

Tipo de produção

Tese Dissertação e Produto Técnico Tecnológico (PTT)
 Dissertação Tese e Produto Técnico Tecnológico (PTT)

Curso / Programa

Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade
Linha de Pesquisa: Análises Socioambientais em Paisagens Naturais e Antropogênicas

Câmpus / Unidade / Pólo: UEG - Campus Sudoeste - Sede Quirinópolis-Goiás
Data de defesa: 28/03/2025

2. PERMISSÃO DE PUBLICAÇÃO E ACESSO AO DOCUMENTO *

Concorda com a liberação integral do documento

SIM
 NÃO (Neste caso o documento será publicado em 12 meses a partir da data de defesa).

Assinalar justificativa para o caso de IMPEDIMENTO E NÃO AUTORIZAÇÃO para publicação do documento

Solicitação de registro de patente;
 Submissão de artigo em revista científica;
 Publicação como capítulo de livro;
 Publicação da dissertação/tese em livro.

Ciente de que, mesmo nos casos de embargo da produção para publicação integral, a obra deve ser entregue em sua totalidade, sendo publicada conforme as permissões indicadas, com exceção da divulgação apenas dos metadados durante o período de embargo.

Quirinópolis, 27 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente

 GERCIMAR MARTINS CABRAL COSTA
Data: 28/05/2025 23:21:09-0300
Verifique em <https://validar.sig.gov.br>

Documento assinado digitalmente

 ISA LUCIA DE MORAES
Data: 29/05/2025 11:34:36-0300
Verifique em <https://validar.sig.gov.br>

Gercimar Martins Cabral Costa (Autor)

Profº Drº. Isa Lucia de Moraes (Orientadora)

* Caso a publicação não seja autorizada, o documento ficará sob embargo por um período de até 12 meses a partir da data da defesa, podendo ser prorrogado por mais 12 meses.

* Se houver necessidade de estender esse prazo, o autor deverá apresentar à coordenação do curso um formulário de solicitação de prorrogação, devidamente justificado.

* Durante o período de embargo, apenas os metadados do trabalho serão disponibilizados; o conteúdo completo permanecerá indisponível.

Universidade Estadual de Goiás
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade
Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais – SIBRE
Biblioteca Campus Sudoeste - Quirinópolis

Como referenciar:

COSTA, Gercimar Martins Cabral. **Potencial de ecoturismo, mapeamento e caracterização de cachoeiras em Quirinópolis, Goiás, Brasil.** Orientadora: Isa Lucia de Moraes. 2025. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, Universidade Estadual de Goiás - UEG, Quirinópolis, 2025. (Linha de pesquisa: Análise Socioambientais em Paisagem Naturais e Antropogênicas).

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Elaborada conforme dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C837p Costa, Gercimar Martins Cabral.
Potencial de ecoturismo, mapeamento e caracterização de cachoeiras em Quirinópolis, Goiás, Brasil / Gercimar Martins Cabral Costa - Quirinópolis, 2025.
99 f. : il.
Orientadora: Isa Lucia de Moraes.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade) - Linha de pesquisa: Análise Socioambientais em Paisagem Naturais e Antropogênicas. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste - Quirinópolis, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, 2025.
1. Ecoturismo. 2. Turismo Sustentável. 3. Georreferenciamento - Cachoeiras. 4. Planejamento Turístico Ambiental. 5. Turismo de Experiência - Rapel. I. Moraes, Isa Lucia de (orient.). II. Título. III. Universidade Estadual de Goiás.

CDU – 379.85:502

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca - SIBRE/UEG
Bibliotecária: Leusimar Lourenço Abreu - CRB1: 2606.



Câmpus
Sudoeste
Quirinópolis



Universidade
Estadual de Goiás



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação do Programa de Mestrado em Ambiente e Sociedade

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE

GERCIMAR MARTINS CABRAL COSTA

Aos vinte e oito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco (28/03/2025), às quatorze horas (14 h), na Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste – Sede Quirinópolis, teve lugar a Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado de **Gercimar Martins Cabral Costa**, intitulada **“POTENCIAL DE ECOTURISMO, MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DE CACHOEIRAS EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL”**. A Banca Examinadora foi composta pelos Professores: **Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes** (Orientadora e Presidente da Banca), **Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos** (Membro Externo) e **Profa. Dra. Angela Marcia de Souza** (Membro Externo). Os examinadores arguiram na ordem citada. O(a) mestrando(a) respondeu satisfatoriamente às questões apresentadas. Às 16:00 horas a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, estabelecendo os seguintes resultados:

Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes



Documento assinado digitalmente

ISA LUCIA DE MORAES

Data: 31/03/2025 13:35:49-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ass. _____

Aprovado(a) (X) Reprovado(a) ()

Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos



Documento assinado digitalmente

JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS

Data: 31/03/2025 23:08:41-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ass. _____

Aprovado(a) (X) Reprovado(a) ()

Profa. Dra. Angela Marcia de Souza



Documento assinado digitalmente

ANGELA MARCIA DE SOUZA

Data: 31/03/2025 21:22:21-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ass. _____

Aprovado(a) (X) Reprovado(a) ()

OBS:

Presidente da Banca – Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes

Documento assinado digitalmente



ISA LUCIA DE MORAES
Data: 01/04/2025 09:24:36-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Ass. _____

Resultado final: APROVADO(A) (X) REPROVADO(A) ()

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestrando(a) examinado(a) e pelo Coordenador do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade.

Documento assinado digitalmente



Mestrando(a): _____

GERCIMAR MARTINS CABRAL COSTA
Data: 01/04/2025 09:37:54-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Coordenador(a): _____

Obs: O(a) aluno(a), sob a supervisão do orientador, deverá encaminhar, no prazo de até 60 dias, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento e devidos encaminhamentos.

Dedico este trabalho à minha orientadora Professora Dra. Isa Lucia de Moraes pela sua orientação, parceria, dedicação, paciência e profissionalismo nas orientações técnicas e científicas. À CAPES pela Bolsa de Mestrado. Gratidão, também, a todos os professores do PPGAS que contribuíram com minha formação durante a jornada dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Isa Lucia de Moraes pelo acompanhamento, orientações e apoio na realização das pesquisas que nortearam o enriquecimento técnico e científico do trabalho. À CAPES pela bolsa de mestrado. À Prefeitura de Quirinópolis (Termo de Cooperação nº 08/2022, Processo SEI N. 202200020002041, publicado no Diário Oficial/GO nº 23.892, de 30 de setembro de 2022, Ano 186, p. 113), pelo apoio inicial a infraestrutura, equipamentos e recursos necessários à execução dessas atividades técnicas.

À equipe de rapel do município de Quirinópolis que auxiliaram durante todas as visitas as cachoeiras com a operacionalização das descidas, especialmente aos Instrutores Rone Almeida (por orientar sobre pontos já utilizados nas práticas esportivas), Dhully Monikelly e Ryan Lucas (que acompanharam durante as visitas propiciando segurança para acesso aos locais).

Ao Professor Doutor Pedro Rogério Giongo com orientações de georreferenciamento e utilização de drones para realização do mapeamento das áreas de estudo e a todos os Professores do PPGAS e equipe da UEG Câmpus Sudoeste, nesta representada pelo Professor Doutor Roberto Barcelos Souza, coordenador do Câmpus.

Aos membros da banca, Prof. Jean Carlos e Profª Angela Marcia, pela dedicação e pelas valiosas contribuições na avaliação deste trabalho. Suas sugestões e considerações foram fundamentais para o aprimoramento deste estudo, proporcionando reflexões enriquecedoras e apontamentos que contribuíram significativamente para a qualidade da pesquisa.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I	18
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A EXPERIÊNCIA EM ECOTURISMO: UMA REVISÃO DA LITERATURA	
Capítulo II	39
CACHOEIRAS DE QUIRINÓPOLIS (GOIÁS/BRASIL): MAPEAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO EM PROL DO ECOTURISMO	
Capítulo III	64
LEVANTAMENTO DO POTENCIAL DE ECOTURISMO NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS COM SUBSÍDIO NA MATRIZ SWOT: UMA ÊNFASE PARA O TURISMO COM A PRÁTICA DE RAPEL NOS PAREDÕES DE CACHOEIRA	
Capítulo IV	85
RAPEL EM PAREDÕES DE CACHOEIRA EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL: HISTÓRICO E METODOLOGIA PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA	
Considerações finais	100

RESUMO

O presente estudo avalia o potencial de ecoturismo no município de Quirinópolis, Goiás, Brasil, com foco no mapeamento, caracterização das cachoeiras e o planejamento sustentável desses atrativos naturais. A pesquisa foi motivada pela necessidade de explorar o ecoturismo na região de maneira responsável, considerando a crescente demanda por práticas sustentáveis que conciliem preservação ambiental e desenvolvimento econômico. Utilizando uma abordagem qualitativa e quantitativa, o trabalho realizou um estudo bibliográfico, mapeamento técnico com drones e georreferenciamento, e a caracterização de dez cachoeiras em um raio de até 60km do perímetro urbano quanto aos aspectos estruturais. Os resultados indicam que a região possui significativo potencial para o ecoturismo, com cachoeiras bem preservadas. Entretanto, foram identificadas deficiências em infraestrutura e acessibilidade, por ainda ser pouco explorado, representando desafios para a implementação de um turismo sustentável, tornando-se essencial o desenvolvimento de estratégias que incluem investimentos em infraestrutura, ações educativas para sensibilização da população e turistas, e a integração entre os setores público e privado para a criação de políticas públicas que fomentem o ecoturismo na região. A pesquisa reforça a importância do planejamento técnico-científico para o desenvolvimento do ecoturismo e turismo de aventura, destacando a Educação Ambiental como um instrumento essencial para promover a conscientização e o engajamento da sociedade. O estudo aponta que, embora Quirinópolis apresente grande potencial para consolidar-se como um destino de ecoturismo e turismo de aventura, é fundamental superar os desafios estruturais e implementar estratégias que alinhem conservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico. Dessa forma, a região pode tornar-se um exemplo de ecoturismo, contribuindo para a preservação de seus recursos naturais e para o fortalecimento da economia local.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável, Desenvolvimento Sustentável, Rapel, Turismo Sustentável, Turismo de Experiência.

ABSTRACT

This study assesses the potential for ecotourism in the municipality of Quirinópolis, Goiás, Brazil, focusing on mapping and characterizing waterfalls and the sustainable planning of these natural attractions. The research was motivated by the need to explore ecotourism in the region in a responsible manner, considering the growing demand for sustainable practices that reconcile environmental preservation and economic development. Using a qualitative and quantitative approach, the work carried out a bibliographic study, technical mapping with drones and georeferencing, and the characterization of ten waterfalls within a radius of up to 60 km from the urban perimeter regarding their structural aspects. The results indicate that the region has significant potential for ecotourism, with well-preserved waterfalls. However, deficiencies in infrastructure and accessibility were identified, as it is still little explored, representing challenges for the implementation of sustainable tourism, making it essential to develop strategies that include investments in infrastructure, educational actions to raise awareness among the population and tourists, and integration between the public and private sectors for the creation of public policies that promote ecotourism in the region. The research reinforces the importance of technical and scientific planning for the development of ecotourism and adventure tourism, highlighting Environmental Education as an essential tool for promoting awareness and engagement in society. The study points out that, although Quirinópolis has great potential to consolidate itself as an ecotourism and adventure tourism destination, it is essential to overcome structural challenges and implement strategies that align environmental conservation and socioeconomic development. In this way, the region can become an example of ecotourism, contributing to the preservation of its natural resources and to the strengthening of the local economy.

Keywords: Education for Sustainable Development, Sustainable Development, Rappelling, Sustainable Tourism, Experiential Tourism.

Introdução

O Ecoturismo está voltado às atividades que tem a finalidade de proximidade e interação com o meio ambiente. Diante desta demanda, surgem novas modalidades de turismo como atividades de caminhada, trekking e as que podem ocorrer associadas às cachoeiras e cursos d'água, como as atividades de rapel nos paredões de cachoeira.

O Ecoturismo é subsidiado por um modelo de turismo responsável e tem como principal característica o desenvolvimento sustentável. Essa modalidade de turismo contribui com benefícios para população local, criando oportunidades de renda e melhoria de vida e, ao mesmo tempo, conservando os recursos ambientais e culturais locais. Nesse contexto, o ecoturismo é entendido como uma atividade turística que faz uso sustentável do patrimônio natural e cultural, estimulando sua conservação e fomentando a conscientização ambiental por meio da interpretação do ambiente, ao mesmo tempo em que promove o bem-estar dos envolvidos (Brasil, 2010).

Esta prática proporciona a interpretação ambiental como uma resposta da natureza para linguagem comum dos visitantes, ampliando a sensibilização e promovendo, assim, o desenvolvimento da Educação para a Sustentabilidade nas áreas protegidas. À medida que um atrativo turístico se torna cada vez mais conhecido, a atenção da comunidade local se volta para ele e tem-se a reafirmação da importância em promover a melhoria da infraestrutura que o comporta, bem como o seu entorno e todo o contexto que direciona o público a este destino. E quanto mais um destino turístico¹ consegue atrair visitantes, maiores as chances de incentivos governamentais voltados para a questão em si despertarem para a promoção das melhorias necessárias (Cebuliski, 2022).

É importante observar que apenas uma visitação, e/ou estruturação dos atrativos turísticos não é suficiente. É preciso que se tenha o desenvolvimento de estudos sobre impacto ambiental, que avaliam os efeitos da atividade turística

¹ Um destino turístico pode ser definido como um espaço geográfico, com ou sem delimitações administrativas ou analíticas, no qual o visitante tem a possibilidade de pernoitar. Trata-se de um aglomerado de produtos, serviços, atividades e experiências integradas ao longo da cadeia de valor do turismo, constituindo uma unidade fundamental para a análise do setor. Além de reunir múltiplos stakeholders, um destino pode se articular em redes, formando territórios turísticos mais amplos. Sua competitividade no mercado não se restringe a aspectos tangíveis, mas também à sua imagem e identidade, que desempenham um papel estratégico na atração de visitantes. (WTO, 2019)

sobre a fauna, flora e recursos naturais, as pesquisas de percepção dos visitantes, que analisam as expectativas, experiências e níveis de satisfação dos usuários, e estudos de capacidade de carga, que determinam o número máximo de visitantes que a área pode suportar sem comprometer sua integridade, proporcionando o seu real conhecimento técnico-científico e uma regulação para seu melhor uso, de forma a não se tornar apenas um atrativo, mas um espaço de novas vivências e experiências.

Nessa perspectiva, segundo Brancalione (2016) “é de extrema importância a exploração dos recursos naturais, através de projetos de aprimoramento em prol a Educação Ambiental”. Neste contexto, reforça a afirmação de Dias (2003) ao abordar que “o Ecoturismo não é só uma atividade que une turismo e natureza, mas deve refletir também os objetivos do desenvolvimento sustentável, incluindo, necessariamente, os aspectos centrados particularmente na equidade social”.

Logo, alguns princípios são essenciais para a implantação do ecoturismo, de forma que as atividades devem prover suporte à conservação e proteção ambiental com a adoção de atividades de baixo impacto ambiental; potencializar a responsabilidade dos atores envolvidos com a utilização sustentada dos recursos e criar ações concretas de fiscalização nesse sentido; gerar parcerias entre os setores público e privado locais; manter constante monitoramento das atividades realizadas com o envio de relatórios semestrais para o ministério público e conselho municipal de meio ambiente; realizar projetos de educação para a sustentabilidade agregados às atividades de ecoturismo; ampliar a valorização das culturas tradicionais local; e assegurar benefícios socioeconômicos e empoderamento sociocultural às pessoas envolvidas visando o desenvolvimento regional (Simonetti; Nascimento, 2012; Sancho-Pivoto; Alves; Rocha, 2018).

Diante disso, observa-se o potencial que o setor do turismo tem para ser explorado e difundido, proporcionando novas fontes de receitas para a região dos atrativos, como hotéis, supermercados, restaurantes, agências de viagens e principalmente as propriedades detentoras dos espaços que podem ser utilizados. Entretanto, em locais aonde a atividade está se iniciando, há que se investir na formação de uma rede de profissionais e serviços para mediar as práticas e experiências de ecoturismo, haja vista que com a implantação do ecoturismo surge uma demanda por profissionais qualificados (guias de turismo,

gastronomia, hotelaria, entre outros), para atuarem diante das especificidades técnicas que o desenvolvimento desta atividade exige e nas perspectivas da oferta de serviços com maior qualidade almejando tornar o local um destino atrativo para os turistas (Castro; Galvão; Binfaré, 2019).

Além disso, é essencial que a qualificação das pessoas envolvidas no ecoturismo esteja alinhada a um levantamento detalhado do potencial turístico local. Esse processo permite um planejamento estratégico mais eficaz, direcionando as ações políticas, socioambientais e econômicas para fortalecer o ecoturismo, minimizando seus impactos ambientais.

Subjacente a essa ideia tem-se a premissa de conhecer, estudar e catalogar os diversos atrativos em cada ambiente, proporcionando uma perspectiva de atração de visitantes, mas ao mesmo tempo, preservação dos elementos naturais que eles possuem. Dessa forma, a Matriz *SWOT* é uma importante ferramenta para auxiliar nesse levantamento turístico local, uma vez que ajuda a estabelecer um diagnóstico confiável do potencial demonstrado por um destino turístico e seu ambiente (Goranczewski; Puciato, 2010).

A Matriz *SWOT* (*strengths* (pontos fortes), *weaknesses* (pontos fracos), *opportunities* (oportunidades) e *threats* (ameaças)) (Casemiro; Simões; Moraes, 2022) é amplamente utilizada, o que é corroborado pelo número de pesquisas que utilizam esta ferramenta para os mais diversos fins de planejamento e gestão, entre os quais estão os de atrativos e destinos turísticos (Morales-Fernández; Lanquar, 2014; Avila et al., 2015; García Reinoso; Chilan; Yamil, 2017; Arévalo et al., 2018; García; Quintero, 2018; Pfeiff et al., 2018). Como exemplo pode-se citar um estudo sobre a Lalibela, um patrimônio cultural da Etiópia, o qual aplicou a Matriz *SWOT* e através dos dados obtidos por entrevistas, documentos e observações, identificou que o referido patrimônio possui como principais fraquezas a falta de profissionais, problemas orçamentários e falta de preocupação por parte da UNESCO; enquanto, entre os pontos fortes estão festivais únicos, estabelecimentos de qualidade, cultura indígena, 11 igrejas talhadas em rocha e topografia espetacular (Nega, 2018).

Logo, com subsídio nos dados amostrados, a Matriz *SWOT* resultará em uma tabela e quadro com informações acerca dos pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças quanto ao ecoturismo de um atrativo. Diante destes dados é possível identificar e minimizar as fraquezas e usar os pontos fortes e as

oportunidades para garantir o desenvolvimento sustentável do turismo em determinado local. Mediante a adoção da Matriz *SWOT* é possível se ter uma visão holística de diferentes fatores que podem afetar positiva ou negativamente a tomada de decisão e o planejamento estratégico (Casemiro; Simões; Moraes, 2022).

Para a implementação do ecoturismo é fundamental determinar os recursos presentes e desenvolver sua gestão de forma sustentável (Okan et al., 2016). São diversos os recursos naturais que podem ser explorados pelo ecoturismo, tais como montanhas, cavernas, praias, florestas, ruínas, lagos e cachoeiras. As cachoeiras apresentam, no mercado de viagens, grande destaque no ecoturismo voltado a experiências que implicam o contato com a natureza.

Neste viés, ressalta-se uma diferenciação entre atrativo turístico e recurso turístico (recursos naturais), sendo que “os recursos turísticos são os elementos de uma localidade que têm potencialidade para tornar-se atrativo turístico, ou seja, constituem-se na matéria-prima do turismo”, enquanto o atrativo turístico “é um elemento que efetivamente recebem visitantes e tem estrutura para propiciar uma experiência turística. Nesse caso, o recurso foi adaptado para tornar-se um atrativo”. (Braga, 2009, p. 79).

Consoante ao disposto, esta dissertação propõe-se desenvolver e se constituída por quatro capítulos:

1. O primeiro capítulo intitula-se “A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A EXPERIÊNCIA EM ECOTURISMO: UMA REVISÃO DA LITERATURA” objetivou realizar uma revisão da literatura sobre a Educação para a Sustentabilidade e os aspectos que norteiam o Ecoturismo e a busca por superar os desafios atuais e a ampliação da oferta de novas experiências aos turistas de forma a explorar os atrativos naturais, sem perder o foco na sustentabilidade local. Esse capítulo foi apresentado na forma de painel no I CINEAI (I Congresso Internacional de Educação Ambiental Interdisciplinar), em Juazeiro, de 22 a 25 de novembro de 2023. Foi publicado como capítulo de livro, o qual apresenta a citação:

COSTA, G. M. C.; LOPES NETO, J. F.; MORAIS, I. L. de. A Educação Ambiental e a experiência em Ecoturismo: uma revisão da literatura. In: RAMOS, P. R.; OLIVEIRA, M. N. S.; SILVA, R. L. R. B. da. (Org.). Perspectivas Interdisciplinares em Educação Ambiental. 1ed. São Paulo: UICLAP Editora, 2024, v. 1, p. 1-693.

2. O segundo capítulo, construído na forma de manuscrito, intitula-se “CACHOEIRAS DE QUIRINÓPOLIS (GOIÁS/BRASIL): MAPEAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO EM PROL DO ECOTURISMO” e objetivou realizar o mapeamento, classificação e caracterização de cachoeiras em Quirinópolis, Goiás, Brasil, como subsídio ao fomento do ecoturismo no município. Este artigo foi submetido na Revista Perspectiva Geográfica.

3. O terceiro capítulo intitula-se “LEVANTAMENTO DO POTENCIAL DE ECOTURISMO NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS COM SUBSÍDIO NA MATRIZ SWOT: UMA ÉNFASE PARA O TURISMO COM A PRÁTICA DE RAPEL NOS PAREDÕES DE CACHOEIRA”, com um levantamento das principais forças, fraquezas, oportunidades e ameaças levantadas na perspectiva dos atrativos turísticos da área de estudos.

4. O capítulo quatro intitulado “RAPEL EM PAREDÕES DE CACHOEIRA EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL: HISTÓRICO E METODOLOGIA PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA”, propôs apresentar os principais aspectos de segurança, procedimentos para operacionalização da prática de rapel nas cachoeiras.

Referências

- ARÉVALO, P. et al. La ruta turística enológica en Querétaro y Baja California, México: Un enfoque estratégico. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 14, n. 2, p. 122-134, 2018.
- AVILA, M.A. et al. El Método Dep Como Herramienta Para El Análisis De Destinos Turísticos. Su aplicación en Ilhéus/BA–Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 24, n. 2, p. 414-429, 2015.
- BRAGA, Débora Cordeiro. **Planejamento Turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- BRANCALIONE, L. Educação Ambiental: refletindo sobre aspectos históricos, legais e sua importância no contexto social. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai –IDEAU. **Revista de Educação do Rei**, v. 11. n. 23, 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas.** Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CASEMIRO, I. P.; SIMÕES, B. F. T.; MORAES, C. M. S. Análise da aplicabilidade da Matriz SWOT na gestão e planejamento em Ecoturismo: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 15, n. 1, 2022.

CASTRO, C. A. T; GALVÃO, P. L. A; BINFARÉ, P. W. Fatores que influenciam a demanda por qualificação profissional para o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.11, n.4, p.634-644, 2019.

CEBULISKI, B. S. P. A perspectiva turística para lugares remotos: Análise do município de Laranjal do Jari (AP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 15, n. 5, 2022.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente.** São Paulo: Atlas, 2003.

GARCÍA REINOSO, N.; CHILAN, D.; YAMIL, N. El producto turístico comunitario como estrategia para diversificar las economías locales del cantón Bolívar, provincia de Manabí, Ecuador. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 13, n. 1, p. 105-116, 2017.

GARCÍA, N.; QUINTERO, Y. Producto de sol y playa para el desarrollo turístico del Municipio Trinidad de Cuba. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 14, n. 1, p. 52-64, 2018.

GORANCZEWSKI, B.; PUCIATO, D. SWOT analysis in the formulation of tourism development strategies for destinations. **Turyzm/Tourism**, v. 20, n. 2, p. 45–53, 2011.

MORALES-FERNÁNDEZ, E.J.; LANQUAR, R. El futuro turístico de una ciudad Patrimonio de la Humanidad: Córdoba 2031. **Tourism & Management Studies**, v. 10, n. 2, p. 07-16, 2014.

NEGA, D. Management Issues and the Values of Safeguarding the Intangible Cultural Heritage for Cultural Tourism Development: The Case of Ashendye Festival, Lalibela, Ethiopia. **Management**, v. 38, 2018.

OKAN, T. et al. Assessing ecotourism potential of traditional wooden architecture in rural areas: The case of Papart Valley. **Sustainability**, v. 8, n. 10, p. 974, 2016.

PFEIFF, G.K. et al. Turismo y Desarrollo Local Sustentable: Factores limitantes y potencialidades de la playa de Ajuruteua en el Estado de Pará, Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 27, n. 3, p. 716-736, 2018.

SANCHO-PIVOTO, A.; ALVES, A. F.; ROCHA, M. C. R. Ecoturismo em áreas protegidas: um olhar sobre o perfil de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. **Revista Geografias**, v. 14, n. 2, p. 54-79, 2022.

SIMONETTI, S. R.; NASCIMENTO, E. P. Uso público em Unidades de Conservação: fragilidades e oportunidades para o turismo na utilização dos serviços ecossistêmicos. **Somanlu: Revista de estudos amazônicos**, v. 12, p. 173-190, 2012.

World Tourism Organization, **UNWTO Tourism Definitions**, UNWTO, Madrid, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18111/9789284420858>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Capítulo I

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A EXPERIÊNCIA EM ECOTURISMO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND ECOTOURISM EXPERIENCE: A LITERATURE REVIEW

RESUMO

A Educação Ambiental tem sido forte propulsora frente ao Ecoturismo. O turismo de experiência tem se destacado em muitas regiões brasileiras, com destaque para a importância de se criar conexões autênticas entre o turista e o destino de atrativos naturais. Nesta seara, este estudo objetivou realizar uma revisão da literatura sobre a Educação Ambiental e os aspectos que norteiam o Ecoturismo e a busca por superar os desafios atuais e a ampliação da oferta de novas experiências aos turistas de forma a explorar os atrativos naturais, sem perder o foco na sustentabilidade local. É fundamental que a experiência a ser vivenciada pelos turistas seja distinta daquela comumente oferecida, superando a banalidade e os aspectos triviais, e estruturando-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante na busca a superação das expectativas. O modelo conceitual da experiência turística e as quatro dimensões da experiência (educacional, emocional, imersiva e transformacional) são fundamentais para compreender e planejar experiências turísticas autênticas e significativas. Com o aumento da demanda por experiências autênticas, o turismo de experiência se tornou uma importante fonte de diferenciação para os destinos turísticos em todo o mundo.

Palavras-chave: Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Desenvolvimento Sustentável, Turismo Sustentável, Turismo de Experiência.

ABSTRACT

Environmental Education has been a strong driving force in Ecotourism. Experiential tourism has gained prominence in many Brazilian regions, highlighting the importance of creating authentic connections between tourists and destinations with natural attractions. In this regard, this study aimed to review the literature on Environmental Education and the aspects that guide Ecotourism and the search for overcoming current challenges and expanding the offer of new experiences to tourists in order to explore natural attractions, without losing focus on local sustainability. It is essential that the experience to be lived by tourists be different from that commonly offered, overcoming banality and trivial aspects, and structured as an experience that arises from the personal wealth of the traveler in the search for exceeding expectations. The conceptual model of the tourist experience and the four dimensions of experience (educational, emotional, immersive and transformational) are fundamental to understanding and planning authentic and meaningful tourist experiences. With the increasing demand for authentic experiences, experiential tourism has become an important source of differentiation for tourist destinations around the world.

Keywords: Education for Sustainable Development, Sustainable Development, Sustainable Tourism, Experiential Tourism.

Introdução

Os problemas ambientais têm se tornado cada vez mais amplos e complexos, sendo fundamental repensar ações individuais e coletivas para assegurar a conservação do meio ambiente. Ações de Educação Ambiental (EA) para a sustentabilidade e conservação são fatores essenciais para promover a permanência da biodiversidade mundial.

Entre as ações de EA está a promoção do desenvolvimento econômico inclusivo e sustentável, em escala global e local, e uma das estratégias para assegurar isso é a implementação do Ecoturismo. Atualmente, existe uma tendência, dentro do ecoturismo, denominada turismo de experiência. O termo experiência pode ser compreendido como o conjunto de percepções vivenciadas pelo turista, resultantes de sensações emocionais que transcendem seu contexto e expectativas geradas antes de vivenciar o local visitado.

O turismo de experiência tem sido cada vez mais valorizado pelos turistas que buscam conexões autênticas com os destinos que visitam, com experiências significativas, enriquecedoras e interações mais profundas com a cultura e a natureza local. Esta tendência tem impulsionado o desenvolvimento de novas estratégias de *marketing* e de experiência para o setor turístico, criando oportunidades para empresas e destinos que estão dispostos a inovar e a investir em experiências únicas e memoráveis (NETTO, GAETA, 2010).

Ao final deste estudo, espera-se oferecer uma análise crítica e atualizada da EA e do potencial do turismo de experiência, suas implicações para o setor turístico e suas oportunidades para os turistas, as empresas e as comunidades locais. A partir dessa análise, espera-se contribuir para a reflexão e a discussão sobre o futuro do turismo de experiência e seu papel na promoção do desenvolvimento sustentável e do turismo responsável.

Neste viés, nesta pesquisa, com subsídio em uma revisão da literatura, objetivamos analisar a inserção da EA como propulsora no desenvolvimento do Ecoturismo, em especial o turismo de experiência, com ênfase em um olhar para a sustentabilidade dos atrativos naturais, propiciando melhorias e ações que possam ao mesmo tempo conservar os recursos naturais locais e conscientizar os turistas que frequentam o atrativo turístico. Para alcançar esse objetivo, este

estudo abordou a definição de EA, do turismo e o turismo de experiência, os desafios e oportunidades para as empresas e destinos que buscam inovar nessa área, e os principais indicadores para avaliar o impacto do turismo de experiência nos atrativos naturais.

Metodologia

O percurso metodológico do artigo é delineado pela pesquisa de caráter bibliográfica, por meio da revisão da literatura, com o levantamento de referências publicadas em meios físicos e eletrônicos, decorrentes de estudos anteriores, que trazem contribuições para responder um determinado problema (FONSECA, 2002; SEVERINO, 2007).

Como fonte principal de consulta destaca-se o Google Acadêmico, para identificação de trabalhos publicados em repositórios institucionais de Universidades Brasileiras, com o intuito de explorar os acervos de produção nacional existentes, de forma a analisar os principais conceitos e teorias relacionadas ao tema em tela.

Para o levantamento, foram elencados elementos norteadores, com a utilização dos descritores: “Educação Ambiental”, “EcoTurismo”, “Experiência em EcoTurismo”; “Desenvolvimento Sustentável”; “Turismo de Experiência”.

Resultados e Discussão

Para apresentar este contexto e possibilidades da inserção da EA no ecoturismo, é fundamental compreendermos, inicialmente, os aspectos conceituais que delineiam esta pesquisa, para, posteriormente, conseguirmos enxergar novos caminhos a serem trilhados.

A Educação Ambiental como propulsora do desenvolvimento sustentável

No âmbito do turismo a EA é propulsora para o estabelecimento de ações sustentáveis, de forma que o turismo de experiência possa se tornar uma experiência única ao turista e promover um contato com o ambiente natural e

impulsionar não só a economia local, mas a conservação das áreas visitadas e possibilidades de expansão do turismo ecológico, com a replicação e melhorias destes conhecimentos para outros locais.

A inserção da Educação Ambiental, como elemento interdisciplinar no turismo, abre oportunidades e desafios que evidenciam o desenvolvimento sustentável das atividades turísticas realizadas em atrativos naturais, tendo em vista que, após essa inserção de visitações, o ambiente sofre variações em sua forma no que tange adaptações para receber os turistas com a mínima interferência no aspecto natural local.

Para Alves (1999, p. 75) é importante que em cidades onde o turismo é uma realidade ou potencial a ser explorado, a conscientização turística de todos os envolvidos (governo, comunidade e iniciativa privada) seja um pressuposto básico para o desenvolvimento sustentável da atividade.

Barbieri (2011, p. 82) endossa que a meta da EA é “desenvolver uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente para atuar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas atuais e para a prevenção de novos problemas”.

Neste viés, Mendonça e Neiman (2002, p. 166) afirmam que o Ecoturismo é um mecanismo propulsor, pois ele se subsidia em uma percepção mais ampla da realidade e seus múltiplos usos para o lazer, recreação, em sincronia com o viés conservacionista, cultural e de melhorias da qualidade ambiental local. Para Swarbrooke (2002, p. 19) consiste em uma atividade economicamente viável e que não degrada os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente natural e o lado social da comunidade local.

É notório destacarmos que o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA (2005) traz em sua abordagem, a importância da formulação e implementação de políticas públicas que convergem na seara de Educação Ambiental, de forma que estas possam integrar as perspectivas existentes no contexto educativo, com ações ligadas à proteção, melhoria socioambiental e recuperação, propiciando assim, um efeito multiplicador na sociedade.

A partir da década de 1970 iniciam-se um conjunto de ações relacionadas ao meio ambiente, sendo um grande marco, no que tange à EA, a Conferência de Estocolmo em 1972, que consiste no início de discussões internacionais sobre o

tema, como forma de repensar as possíveis estratégias para o tratamento das questões ambientais e a elas relacionadas.

Outro marco essencial é a criação de uma legislação específica pra essa temática no Brasil. A primeira advém da Constituição de 1988, quando o Congresso Nacional instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, e a outra se faz presente no Art. 2º da Lei 9.795 de 27 de abril de 1999, a qual salienta que “Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

Segundo Dias (2005), no tocante ao turismo, o desenvolvimento sustentável está baseado num equilíbrio harmônico entre três dimensões: a econômica, a sociocultural e a ambiental, ou seja, é primordial que estas dimensões atuem de forma conjunta, visando não apenas o uso de atrativos naturais, mas sua conservação e promoção da melhoria da qualidade de vida da população envolvida nesta atividade.

De acordo com Ruschmann (1997, p. 74-75) “a chave para a mudança [...] envolve necessariamente a educação ambiental”. Em complemento, Loureiro (2006, p. 29) entende que a EA “promove a conscientização e esta se dá na relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente”.

Pedrini e Torgano (2005, p. 14), sob a ótica da sustentabilidade, afirmam que a Educação Ambiental:

Deve ainda, pelo simbólico e o lúdico, permitir a aprendizagem de novas atitudes de respeito aos valores ambientais e culturais, consolidando nova postura ética, respeitando a natureza e o outro, ou seja, os demais elementos das atuais e futuras gerações das sociedades humanas.

Em adição, Sansolo e Cavalheiro (2006, p. 9) relatam que:

Se por um lado, o ecoturismo como um segmento de mercado é decorrente da mercantilização dos valores ambientalistas, por outro lado é uma das trilhas que o movimento ambientalista tem encontrado para promover o intercâmbio cultural, distribuição de renda e inclusão social e a ampliação dos valores conservacionistas.

Para uma reflexão sobre os diversos aspectos no âmbito do ecoturismo, apresentamos na Tabela 1 os impactos no espaço e tempo aonde essa atividade se encontra estabelecida.

Tabela 1 - Impactos gerados pelo turismo sobre o meio ambiente.

IMPACTOS	POSITIVOS	NEGATIVOS
ECONÔMICOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ingresso de moedas estrangeiras; ✓ Estímulo a investimentos, como construção de hotéis, restaurantes, centros de convenções, etc.; ✓ Geração de empregos e renda. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Abandono pela população de atividades primárias em busca de melhores oportunidades em empresas turísticas; ✓ Excessiva dependência de alguns destinos do turismo.
SOBRE O AMBIENTE NATURAL	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criação de programas de conservação das áreas naturais e sítios arqueológicos; ✓ Investimento em medidas conservacionistas a fim de manter a atratividade dos recursos naturais; ✓ Valorização do contato com a natureza; ✓ Utilização mais consciente dos espaços naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Destrução de áreas naturais devido à construção de equipamentos e infraestrutura turísticas, sem estudos estratégicos e planejados com orientação de profissionais qualificados e comprometidos com a ética socioambiental; ✓ Acúmulo de lixo; ✓ Poluição visual e sonora; ✓ Destrução da biodiversidade devido ao pisoteamento, coleta de plantas, vandalismos, desmatamento, dentre outros.
SOCIAIS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Oportunidade de encontro entre os povos; ✓ Oportunidade de recuperação psicofísica decorrente do distanciamento temporário do cotidiano profissional e social; ✓ Qualificação da comunidade local para melhor receber os turistas e fortalecer o ecoturismo; ✓ Valorização, conservação e perpetuação do patrimônio da comunidade local inerente à gastronomia, cultura e recursos naturais; ✓ Melhoria da qualidade de vida da população com acesso a uma renda digna e a uma infraestrutura local melhor com saneamento básico, educação, saúde e lazer. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Baixo interesse dos visitantes pela cultura local; ✓ Contratação de mão de obra externa para cargos com maior qualificação e remuneração; ✓ Exploração sexual e infantil; ✓ Aumento na incidência de doenças oriundas de outras regiões do mundo.
CULTURAIS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Interação cultural; ✓ Estímulo a tradições esquecidas; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comprometimento da autenticidade e espontaneidade das manifestações culturais;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Valorização do artesanato e da cultura local (artes, música, gastronomia); ✓ Valorização e preservação do patrimônio histórico. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Descaracterização do artesanato; ✓ Destrução do patrimônio histórico devido a acessos em massa por turistas.
--	--	---

Fonte: Ruschmann (1997), adaptado pelos autores

Em todos os campos de estudos, é inerente compreendermos que vão existir pontos positivos e a melhorar, afinal, estamos o tempo todo modificando o ambiente com o qual interagimos, seja de forma natural ou intencional. E vale ressaltar o aspecto em que a implementação do turismo deve ser planejada e praticada de forma a promover a qualidade de vida das populações residentes no local de destino, respeitar a sociodiversidade, por meio da conservação da herança histórica cultural das populações locais, e conservar os recursos naturais e paisagísticos explorados (ROCKTAESCHEL, 2006, p. 23).

É evidente compreender que a EA é essencial e torna-se aliada no contexto da exploração consciente dos atrativos naturais, sendo possível usufruir, mas ao mesmo tempo realizar ações conservacionistas e em prol do desenvolvimento sustentável. Por isso, a inclusão da EA de forma interdisciplinar em todos os contextos é primordial para lograrmos êxito no que concerne à implementação do turismo de experiência.

Definindo o turismo de experiência: uma análise conceitual e histórica do termo

O turismo de experiência é uma abordagem que tem ganhado destaque no setor turístico nos últimos anos, sendo valorizada por um crescente número de turistas que buscam experiências autênticas e significativas em seus destinos de viagem. A essência dessa abordagem é oferecer aos turistas experiências únicas e imersivas que os conectem com a cultura, a natureza e as pessoas locais, proporcionando um enriquecimento pessoal e um sentimento de realização (Netto, Gaeta, 2010).

O potencial do turismo de experiência tem ganhado evidência no mercado, pois permite a criação de um diferencial competitivo para as empresas e destinos que investem em sua oferta, além de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e ambiental das comunidades locais (Li, 2000).

Segundo Silva e Trentin (2018, p. 179) “o turismo de experiência tem encontrado campo propício em muitas regiões turísticas brasileiras, especialmente naquelas que ainda mantêm forte tradição cultural”.

Definir o turismo de experiência é fundamental para compreender o conceito e as implicações dessa abordagem no setor turístico. O turismo de experiência é uma abordagem que busca oferecer ao turista uma experiência autêntica e enriquecedora, indo além do simples ato de visitar lugares turísticos.

Essa abordagem valoriza a imersão do turista na cultura local, a interação com a natureza e a participação em atividades que envolvam aprendizado, prática e transformação. Neste tópico, serão apresentadas as principais definições e características do turismo de experiência, bem como as diferentes formas em que essa abordagem pode ser aplicada no setor turístico. Para tal, é importante compreender o que difere o turismo tradicional do turismo de experiência, conforme apresentado a seguir:

Segundo Soares (2009, p. 32), o Turismo de Experiência:

[...] surge então como um reflexo dos novos anseios e buscas da sociedade pós-moderna. A sede por conhecimentos racionais dá agora lugar à busca por sensações, emoções e espiritualidade em experiências únicas. O que significa dizer que o novo turista não quer apenas contemplar belas paisagens e reconhecer suas informações gerais, mas sim, que ele agora pretende vivenciar o novo/diferente, sentir a sutileza, interagir, se emocionar e experimentar sensações inesquecíveis.

A ideia de que a experiência pode ser um diferencial no mercado foi um avanço significativo em termos mercadológicos. No entanto, assim como em muitos outros estudos e tentativas de classificação na área de gestão e negócios, o termo "experiência" se tornou um modismo superficial que, em grande parte, neutralizou os avanços conquistados (TRIGO, 2013).

Segundo Gúzman, Vieira Junior e Santos (2011, p. 105), compreende-se que

O Turismo de Experiência baseia-se na necessidade das pessoas sentirem e terem certeza de que estão vivas e de que estão conhecendo coisas novas, além da aprendizagem baseada pela experiência, já que o contato e a interação são importantes para evidenciar toda a proposta idealizada pela teoria.

É importante observar que “o prazer de viajar está intimamente associado às experiências ímpares que serão vivenciadas durante a viagem” (NETTO; GAETA, 2010, p. 15).

Neste viés, Tuan (1983, p. 10) já defendia que a “experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência, experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Diante desta premissa, é possível explorar novas possibilidades e criar tendências para o turismo.

Tendências emergentes no turismo de experiência: diferentes olhares

O turista busca formas de responder às suas satisfações pessoais, que lhe proporcione experiências além do seu atual contexto em que está inserido. Com isso, conhecer culturas locais já é um fator primordial para uma experiência significativa.

Trigo (2013, p. 35) salienta que a experiência a ser vivenciada deverá ser distinta da que comumente se faz: “precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história”.

Aqui, comprehende-se a importância de superar a banalidade e os estereótipos para que o turismo de experiência seja realmente enriquecedor e diferenciado. É fundamental que a experiência oferecida seja única e personalize-se para o viajante, considerando suas preferências e interesses pessoais. Assim, a experiência torna-se mais significativa, proporcionando momentos e lugares que possam enriquecer a história do turista. Essa abordagem vai além do simples ato de visitar atrações turísticas populares e valoriza a autenticidade da experiência (MTUR, 2006; MAZARO; PANOSO; NETTO, 2012).

Para Reis, Brito e Freitas (2020) a experiência do turista não se resume apenas aos serviços oferecidos, mas sim, à vivência completa do destino turístico. Isso envolve desfrutar dos serviços disponíveis, mas, principalmente superar suas expectativas, buscando experiências emocionalmente envolventes e memoráveis.

Bezerra (2019, p. 492-493) define que:

[...] trata-se de um conjunto que leva em consideração o aprendizado sobre o lugar, seus aspectos visuais, o entretenimento existente na cidade, a capacidade que a cidade tem para com o indivíduo, permitindo fugir e esquecer-se do seu cotidiano, a capacidade do lugar se fazer memorável e presente em suas lembranças e, por fim, a possibilidade de proporcionar diferentes experiências de diferentes formas.

Como forma de diferenciação, “a experiência turística pode ser percebida como uma combinação de novidade e familiaridade” (SELSTAD, 2007 p. 20). Dessa forma, outro fator primordial condiz que a experiência turística “abrange todos os sentidos, e não apenas o visual” (RYAN, 2002, p. 27).

Para potencializar a experiência, é fundamental observar que “para o turista do século XXI, não basta uma boa estrutura privada para garantir a sua satisfação. O produto turístico não termina na porta do hotel ou restaurante. O turista espera interagir e contar com a receptividade da população local” (VIGNATI, 2013, p. 42). Para tanto, faz-se compreender que a cultura local e diversificada do seu contexto atual influencia na experiência que o turista busca vivenciar.

[...] o turismo envolveria processos de estranhamento, ou seja, o turista, em seus deslocamentos, ao se defrontar com o novo e com o inesperado, vivenciaria processos de mobilização subjetiva que o levariam a parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

Para Graburn (1989, p. 63) “as lembranças são provas tangíveis da realidade da viagem e com frequência se compartilha com parentes e amigos, pois o que realmente se traz são recordações das experiências”. Isso é corroborado por Schmitt (2002, p. 74-75) ao afirmar que “uma experiência é um acontecimento individual que ocorre como resposta a algum estímulo e dura pela vida toda”.

Subjacente a essa ideia, Sun Tung e Ritchie (2011, p. 1369), afirmam que a experiência turística é “uma avaliação individual subjetiva (afetiva, cognitiva e comportamental) de eventos relacionados à sua atividade turística que começa antes (ou seja, planejamento e preparação), durante (ou seja, no destino), e depois da viagem (ou seja, o recolhimento)”.

É importante compreender a par destes conceitos que a experiência turística envolve uma avaliação subjetiva e individual dos eventos relacionados à

atividade turística. Ou seja, a experiência turística é uma combinação de elementos tangíveis e intangíveis que afetam a percepção e a avaliação do turista em relação à sua viagem. Entender esses elementos e fornecer uma experiência positiva ao turista é fundamental para o sucesso do setor de turismo (MONTEIRO, 2014).

Aho (2001) apresentou de forma a clarificar as experiências turísticas em quatro elementos (traduzido do inglês *Getting emotionally effected; Getting informed; Getting practiced; Getting transformed*):

1. **Ficar emocionalmente afetado**, ou seja, sentir e registrar alguma impressão emocional pelo sujeito da experiência. Este conteúdo central é chamado de experiências emocionais.
 2. **Obter informações**, ou seja, alguma nova impressão intelectual ou aprendizado baseado nas informações oferecidas ao sujeito pela experiência. Este tipo central abrange experiências informativas.
 3. **Praticar algo**, ou seja, aumentar alguma habilidade (como habilidades em linguagem, tênis ou montanhismo, por exemplo) do sujeito. Este núcleo cobre experiências de prática.
 4. **Ser transformado**, ou seja, pelo menos uma mudança bastante permanente no estado da mente ou do corpo ou no modo de vida do sujeito. Este núcleo cobre experiências de transformação.
- (AHO, 2001, p. 33-34 – tradução e grifos do autor).

Corroborando com essa ideia, Soares (2009, p. 39-40) estabelece cinco critérios para determinar o turismo de experiência:

- Emoções únicas – viver aquele momento único, que venha ser uma ocasião jamais vivenciada em sua rotina, caracterizando como experiências memoráveis.
- Exclusividade – com o aumento do número de turistas, tornando destinos massificados, surge a busca pela exclusividade, por aquele momento e sensação única, direcionada para cada tipo de pessoa.
- Uso dos cinco sentidos – entra em questão o uso dos sentidos humanos, passando a utilizá-lo para melhor direcionar produtos e serviços, que venha proporcionar uma melhor satisfação.
- Interação – uma maior interação do indivíduo entre os serviços e produtos, vindo a proporcionar a abertura para diferentes tipos de emoções e sensações.
- Despertar de sonhos e sentimentos – suprir as necessidades dos indivíduos, para depois trabalhar os sonhos, utilizando em primeira instância valores mentais, emocionais e imateriais.

Essa correlação de ideias e conceitos torna-se extremamente valiosa no processo de compreensão e desenvolvimento do turismo de experiência, visto que as duas ideias se complementam sinergicamente.

No contexto do turismo de experiência a definição da experiência turística e a compreensão do potencial desse tipo de turismo podem se unir e enriquecer o processo de criação e oferta de serviços que proporcionem experiências autênticas e significativas para os turistas. Ao unir essas ideias, é possível obter um melhor entendimento do que é necessário para criar novas experiências turísticas que encantem e satisfaçam os clientes, gerando um impacto positivo para todo o setor de turismo (BRASIL, 2010).

Novas descobertas e interpretações sugerem que os turistas de hoje esperam mais do que uma pausa, férias ou descanso ordinários/padrões. Eles querem experimentar o momento, a viagem. Por isso, a própria experiência, entre outras coisas, se tornou um revelador conceito/prática na área de turismo, exigindo a atenção de pesquisadores, consumidores e executivos em todo o mundo (NETTO; GAETA, 2010, p. 140).

Segundo Cutler e Carmichael (2010) a experiência turística pode ser compreendida com base em um modelo conceitual, embasados em motivação e expectativas, conforme apresentado na Figura 1 a seguir:

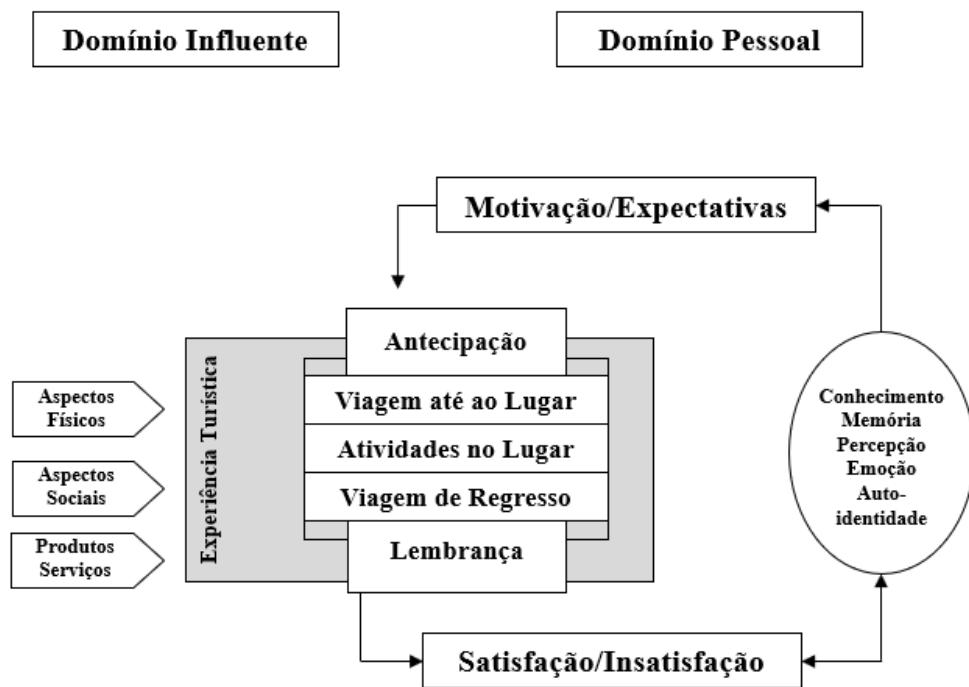


Figura 1 - Modelo conceitual da experiência turística. Fonte: Cutler e Carmichael (2010, p. 8).

O modelo conceitual da experiência turística é uma estrutura teórica que busca entender e explicar a natureza da experiência vivida pelos turistas durante suas viagens. Ele considera três elementos essenciais: o contexto da experiência (com base nos aspectos físicos e sociais, produtos e serviços, as atividades realizadas durante a viagem (a experiência vivida) e as respostas subjetivas do turista (conhecimentos, memórias, percepções, emoções, dentre outros) (CUTLER, CARMICHAEL, 2010).

O contexto da experiência abrange todas as variáveis que podem influenciar a vivência do turista, como as características do destino, as motivações para a viagem, as expectativas e as emoções. As atividades, por sua vez, são as ações específicas que o turista realiza durante a viagem, como visitar pontos turísticos, interação com a cultura local, experimentar a gastronomia, dentre outras (CUTLER, CARMICHAEL, 2010).

Já as respostas subjetivas do turista são as percepções, emoções e avaliações que ele tem sobre a experiência vivida. Essas respostas podem ser positivas ou negativas e estão diretamente relacionadas à satisfação do turista com a viagem (CUTLER, CARMICHAEL, 2010).

O modelo conceitual da experiência turística é uma ferramenta útil para os profissionais de turismo, pois permite entender as necessidades e desejos dos turistas, desenvolver produtos e serviços que atendam a essas demandas e criar experiências turísticas memoráveis e satisfatórias. Além disso, o modelo destaca a importância de se considerar a subjetividade do turista na construção da experiência, o que pode contribuir para a criação de conexões emocionais e vínculos duradouros com o destino (CUTLER, CARMICHAEL, 2010).

Neste contexto, a Figura 2 apresenta as quatro dimensões da experiência, que se fundamenta no consumo individual e na superação das expectativas, que tornam o efeito ampliado da experiência que o turista pode vivenciar.



Figura 2 - As Quatro Dimensões da Experiência. Fonte: Oh et al. (2007).

A dimensão educacional se refere ao aprendizado e à aquisição de um novo conhecimento durante a experiência turística. A dimensão da participação ativa está associada ao desejo de escapar da rotina e dos problemas cotidianos, buscando relaxamento e tranquilidade no ambiente turístico. A dimensão Imersiva está relacionada à beleza/estética, com a apreciação visual do novo ambiente ao qual está inserido. Por fim, a dimensão de participação passiva, que desenvolve o entretenimento e se concentra no desejo de se divertir e desfrutar de atividades prazerosas (OH et al., 2007).

Cada uma dessas dimensões pode ser mais ou menos relevante dependendo das preferências individuais e do contexto da experiência turística em questão de cada turista. Vale ressaltar que a expectativa e a superação dessa é que torna um determinado atrativo determinante na construção de uma experiência significativa para quem visita o local e não apenas a sua estrutura e/ou beleza consideradas por outros turistas (OH et al., 2007).

Desafios e oportunidades no turismo: a construção de memórias e experiências

O turismo é uma atividade econômica extremamente importante do mundo, gerando empregos e movimentando a economia em diversos países. Além disso, o turismo também é responsável por criar memórias e experiências inesquecíveis para os viajantes. No entanto, o setor enfrenta constantes desafios, como a crescente demanda por experiências autênticas e sustentáveis, a concorrência acirrada entre os destinos turísticos e a necessidade de inovação constante para atender as expectativas dos turistas modernos (BENI, 2004).

Em um mundo em constante transformação, o turismo tem o potencial de ser uma força positiva, criando memórias e experiências para os viajantes enquanto contribui para o desenvolvimento econômico e social dos destinos turísticos e comunidades locais (MTUR, 2010).

O turismo de experiência confere um aumento de competitividade dos destinos turísticos, definida pela OMT como:

A capacidade do destino usar eficientemente os seus recursos naturais, culturais, humanos e financeiros para desenvolver e oferecer produtos e serviços turísticos de qualidade, inovadores, éticos e atraentes, com vista a contribuir para um crescimento sustentável dentro do seu projeto global e dos seus objetivos estratégicos, aumentar o valor agregado do setor de turismo, melhorar e diversificar a oferta comercial e otimizar a sua atratividade e os benefícios que aporta aos visitantes e à comunidade local com uma perspectiva de sustentabilidade (UNWTO, 2019, p. 26).

Dessa forma, é importante que o turismo possa ir além do simples ato de proporcionar visitações a atrativos turístico. Para Vignati (2013, p. 86):

O turismo deve buscar promover mecanismos e ações de responsabilidade social, ambiental, e de equidade econômica, incluindo a defesa dos direitos humanos, do uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazo, a dignidade dos trabalhadores e das comunidades envolvidas. Em todas as fases de implantação e operação, o turismo deve adotar práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural. Deve monitorar efetivamente os impactos, de forma que contribua para a manutenção das dinâmicas e dos processos naturais, e dos seus aspectos paisagísticos, físicos e biológicos, considerando o contexto social e econômico existente.

Em suma, o turismo, como integrante do setor econômico, tem enfrentado diversos desafios nos últimos anos, um deles decorrente da pandemia do COVID-

19. No entanto, mesmo em meio aos desafios para a sua concreta implementação no Brasil, principalmente quando se pensa na interiorização desta atividade, o turismo ainda se apresenta como uma importante oportunidade para a economia local e do país.

Segundo Nascimento, Maia e Dias (2012) é essencial que os destinos turísticos possam investir na diversificação de seus produtos, de forma a surpreender e proporcionar uma emoção única aos turistas.

Nesse sentido, é importante que os profissionais e gestores do setor continuem trabalhando para inovar e oferecer opções de turismo de experiência cada vez mais autênticas e enriquecedoras, capazes de atender às demandas e expectativas dos viajantes modernos.

Com uma abordagem criativa e adaptável, o setor de turismo pode se manter relevante e continuar proporcionando momentos marcantes para os turistas, contribuindo para a promoção do desenvolvimento econômico e social de destinos turísticos em todo o mundo.

Considerações Finais

O turismo de experiência tem se mostrado como uma abordagem promissora para o setor turístico, uma vez que busca oferecer experiências únicas e autênticas aos turistas. Com o aumento da demanda por experiências autênticas, o turismo de experiência se tornou uma importante fonte de diferenciação para os destinos turísticos em todo o mundo.

O turismo de experiência visa proporcionar aos turistas a oportunidade de experimentar culturas, tradições e estilos de vida diferentes dos seus próprios, promovendo uma melhor compreensão e apreciação das diferenças culturais. Isso pode levar a uma maior tolerância e respeito pela diversidade, o que pode ser benéfico para a sociedade como um todo.

A implementação do turismo de experiência pode apresentar desafios significativos. Os destinos turísticos precisam garantir que suas experiências sejam autênticas e culturalmente apropriadas, evitando a exploração e o uso indevido da cultura e tradições locais. Além disso, é preciso garantir a

sustentabilidade do turismo de experiência, minimizando os impactos negativos no meio ambiente e nas comunidades locais.

Por fim, é importante destacar que o turismo de experiência é uma abordagem em constante evolução, que deve se adaptar às necessidades e expectativas dos turistas em constante mudança. Os destinos turísticos devem estar abertos a inovação e ao desenvolvimento de novas experiências, a fim de permanecerem competitivos no mercado turístico global, em consonância com a implementação efetiva de ações de EA.

Referências

AHO, S. K. Towards a general theory of touristic experiences: Modelling experience process in tourism, **Tourism Review**, v. 56, n. 3/4, p. 33-37, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/eb058368>. Acesso em: 22 mar. 2023.

ALVES, M. C. Conscientização Turística em Antonina, Paraná. In: REJOWSKI, M. (Org.). ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP. **Revista Turismo em Análise**, v. 10, n. 1, São Paulo, 1999.

BARBIERI, J. C. **Gestão Ambiental Empresarial**: conceitos, modelos e instrumentos. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BENI. M. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. **Revista Turismo - Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 6, n. 3, p. 295-305, set./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1063>. Acesso em: 23 jun. 2023.

BEZERRA, L. T. Experiência Memorável de Turistas em Natal – RN. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo: ECA-USP, v. 30, n. 3, p. 480-495, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v30i3>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Tour da experiência**. Manual tour da experiência 2010: conceituação, 2010. Disponível em:

http://www.tourdaexperiencia.com.br/arquivos/manual_conceituacao.pdf. Acesso em: 23 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre Política Nacional de Educação Ambiental.

CUTLER, S.; CARMICHAEL, B. The dimensions of the tourist experience, *In:* MORGAN, M. et al (Eds.), **The tourism and leisure experience**: consumer and managerial perspectives, Bristol: Channel View Publications, p. 3-26, 2010.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GASTAL, S. A.; MOESCH, M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GRABURN, N. Turismo: el viaje sagrado. *In:* SMITH, V.S. (Coord.). **Anfitriones e invitados**: antropología del turismo. Madrid: Endymión, 1989.

GÚZMAN, S. J. M.; VIEIRA JUNIOR, A.; SANTOS, I. J. dos. Turismo de experiência: uma proposta para o atual modelo turístico em Itacaré – Bahia. **Revista de Cultura e Turismo**, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/272>. Acesso em: 03 jun. 2023.

LI, Y. Geographical consciousness and tourism experience. **Annals of Tourism Research**, [S.I.], v. 27, n. 4, p. 863–883, out. 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738399001127>. Acesso em: 23 jun. 2023.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAZARO, R. M. Competitividade e Inovação em Turismo. *In:* BENI; M. C. (Org.). **Turismo**: planejamento estratégico e capacidade de gestão. São Paulo: Manole, p. 367-381, 2012.

MENDONÇA, R.; NEIMAN Z. **Ecoturismo**: Discurso, Desejo e Realidade, Meio ambiente, educação e ecoturismo. São Paulo: Manole, 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Tour da experiência. 2006. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_de_Caso_Tour_Experiencia.pdf&ved=2ahUKEwj9fjA6sXsAhUWEbkGHaAsAysQFjAAegQIAxAC&usg=AOvVaw2ETo7JEXO1GEqduu0_xiXj. Acesso em: 21 jun. 2023.

MONTEIRO, J. O. **Novas tendências no mercado turístico**: Análise de algumas agências de viagens online no Brasil. Rio de Janeiro: CEFET, 2014.

NASCIMENTO, I. M., MAIA, A. F., DIAS, P. O. A experiência como produto turístico: a emoção e a sensação do novo e diferente. **Turismo: Estudos e Práticas - UERN**, v.1, n. 2, p. 142-159, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo/article/view/342/231>. Acesso em: 21 jun. 2023.

NETTO, A. P.; GAETA, C. **Turismo de Experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

OH, H., FIORE, A. M., JEOUNG, M. **Measuring Experience Economy Concepts**: Tourism Applications, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0047287507304039>. Acesso em: 22 jul. 2023.

PEDRINI, A. de G.; TORGANO, M. F. Ecoturismo com Educação Ambiental: discursos e práticas. *In*: PEDRINI, A. de G. (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – ProNEA, 3^a Edição quarto ciclo do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2005.

REIS, R. R. V.; BRITO, T. M.; FREITAS, T. D. M. Experiências Turísticas: uma reflexão sob a abordagem do marketing. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6441>. Acesso em: 22 jul. 2023.

ROCKTAESCHEL, B. M. M. M. **Terceirização em áreas protegidas: estímulo ao ecoturismo no Brasil.** São Paulo: Senac, 2006.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e planejamento sustentável.** A proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

RYAN, C. Stages, gazes and constructions of tourism. *In:* RYAN, C., (Ed.). **The tourist experience.** 2.^a ed., Australia: Thomson, p. 1-26, 2002.

SANSOLO, D; CAVALHEIRO, F. Geografia e Educação Ambiental. *In:* SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michele (orgs.). **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora.** São Carlos: Rima, 2006.

SCHMITT, B. H. **Marketing experimental.** São Paulo: Nobel, 2002.

SELSTAD, L. The Social Anthropology of the Tourist Experience. Exploring the Middle Role. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15022250701256771>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. M. C.; TRENTIN, F. Turismo de Experiência: L 'Arte Ceccato Vila Flores. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 18, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115459330011>. Acesso em: 17 Abr. 2023.

SOARES, T. C. **Características do Turismo de Experiência:** Estudos de caso em Belo Horizonte e Sabará sobre inovação e diversidade na valorização dos clientes, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Curitiba, 2009.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável:** conceitos e impacto ambiental. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

SUN TUNG, V. W.; RITCHIE, J. R. B. Exploring the essence os memorable tourism experiences. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 4, p. 1367-1386, 2011.

TRIGO, L. G. G. **A viagem**: caminho e experiência. São Paulo: Aleph, 2013.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UNWTO. Définitions du tourisme de l'OMT. *In: UNWTO Tourism Definitions | Définitions du tourisme de l'OMT | Definiciones de turismo de la OMT*. World Tourism Organization (UNWTO), 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18111/9789284420858>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VIGNATI, F. **Economia do Turismo**: como Gerar Empregos, Rendimentos e Prosperidade em Moçambique. Moçambique: Ndjira, 2013.

Capítulo II

CACHOEIRAS DE QUIRINÓPOLIS (GOIÁS/BRASIL): MAPEAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO EM PROL DO ECOTURISMO

QUIRINÓPOLIS WATERFALLS (GOIÁS/BRAZIL): MAPPING, CLASSIFICATION AND CHARACTERIZATION IN FAVOR OF ECOTOURISM

RESUMO

O presente artigo explora o potencial ecoturístico do município de Quirinópolis, Goiás, destacando as cachoeiras no entorno perímetro urbano como atrativos. O ecoturismo, diferenciado por seu baixo impacto ambiental e foco na sustentabilidade, é analisado como uma alternativa econômica viável em oposição ao uso predatório de recursos naturais. A metodologia inclui o mapeamento, caracterização e classificação de cachoeiras, utilizando geoprocessamento e ferramentas tecnológicas, como drones e aplicativos GPS. O estudo também enfatiza a importância da Educação para a Sustentabilidade e do planejamento adequado para a consolidação do ecoturismo local, destacando parcerias entre setores público e privado para fomentar o desenvolvimento socioeconômico regional.

Palavras-chave: Atrativos turísticos. Cerrado. Conservação Ambiental. Educação para a Sustentabilidade.

ABSTRACT

This article explores the ecotourism potential of the municipality of Quirinópolis, Goiás, highlighting the waterfalls around its urban perimeter as attractions. Ecotourism, distinguished by its low environmental impact and focus on sustainability, is analyzed as a viable economic alternative to the predatory use of natural resources. The methodology includes mapping, characterization, and classification of waterfalls, using geoprocessing and technological tools, such as drones and GPS applications. The study also emphasizes the importance of environmental education and adequate planning for the consolidation of local ecotourism, highlighting partnerships between the public and private sectors to foster regional socioeconomic development.

Keywords: Tourist attractions. Cerrado. Environmental conservation. Environmental for Sustainability.

Introdução

O ecoturismo é uma atividade pujante e em constante expansão no Brasil. Entretanto, o grande desafio para o ecoturismo no país é reduzir o avanço da agropecuária comercial de grande escala, que destrói a cobertura vegetal nativa e dilapida os recursos hídricos das regiões onde se instala. Logo, o ecoturismo constitui uma alternativa comercialmente viável para o desenvolvimento social e econômico de base local, complementando as atividades tradicionais da população e até substituir atividades produtivas, mas ambientalmente predatórias, como a agricultura extensiva, a pecuária e a extração de madeira.

Nesta seara, observa-se que o ecoturismo surgiu, “[...] para oferecer uma opção de desenvolvimento sustentável a [...] comunidades [...], proporcionando um incentivo para conservar e administrar as regiões naturais [...] e pode ser uma alternativa à extração voraz de recursos florestais [...]” (Wearing; Neil, 2001).

À medida que um atrativo turístico se torna cada vez mais conhecido, os olhos se voltam para ele e tem-se a reafirmação da importância em promover a melhoria da infraestrutura que o comporta, bem como o seu entorno e todo o contexto que direciona o visitante a este destino. [...] E quanto mais um destino turístico consegue atrair visitantes, maiores as chances de incentivos governamentais voltados para a questão em si despertarem para a promoção das melhorias necessárias (Cebuliski, 2022, p. 837).

Salienta-se que os atrativos turísticos não objetivam angariar apenas recursos com os visitantes, mas a possibilidade de projetos de cunho maior como incentivos governamentais, tanto para melhorias, bem como para projetos de sustentabilidade e conservação dos ambientes naturais em que se encontram. O autêntico ecoturismo não é um produto a mais no mercado, mas sim um turismo de nova geração, regido por um conjunto de condições que superam a prática do turismo convencional de massas (Molina, 2001).

Entretanto, Neiman (2002) critica o ecoturismo ao afirmar que de nada adianta fazer ecoturismo se não há estudos de capacidade de suporte e infraestrutura adequada e não impactante. É importante observar que apenas uma visitação e/ou estruturação dos atrativos turísticos não são essenciais. É preciso que se tenha o desenvolvimento de estudos nos respectivos ambientes para o seu real conhecimento técnico-científico e uma regulação para seu melhor uso, proporcionando não apenas um atrativo, mas, um espaço de novas vivências e experiências.

Nesse contexto, o ecoturismo, ou turismo ecológico, se difere do turismo de natureza por beneficiar a população local, criando oportunidades de renda e melhoria de vida e, ao mesmo tempo, conservando os recursos ambientais e culturais locais. Desse modo, comprehende-se como ecoturismo a atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca formar uma consciência ambientalista mediante interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das pessoas envolvidas (Brasil, 2010).

O ecoturismo é construído sob a égide do paradigma da sustentabilidade, sendo, portanto, uma forma não invasiva de turismo, eticamente gerenciada para ter baixo impacto, com orientação local baseada no aprendizado sobre a natureza e que prima por contribuir para a conservação ambiental (Sancho-Pivoto; Alves; Rocha, 2018). Em consonância com o ecoturismo, atualmente, as tendências de consumo verde ratificam a procura por vivências e lugares turísticos ancorados em princípios de sustentabilidade, responsabilidade socioambiental (Tavares; Irving, 2009) e qualidade de vida com práticas desportivas e alimentação saudável em contato com a natureza.

Assim, dentre as vertentes do turismo, o ecoturismo é o que melhor dialoga com objetivos sustentáveis, como a conservação da biodiversidade e proteção ambiental, o que culminou até mesmo em uma nova modalidade de ecoturismo, o Ecoturismo Científico, o qual se baseia na realização de pesquisas científicas em áreas naturais. No Brasil, o Ecoturismo Científico ocorre principalmente nas Unidades de Conservação, sendo uma importante ferramenta na gestão destas áreas, para educação, conservação da natureza e fomento à

economia, tanto dentro da UC quanto na região em que ela está inserida (Andersen *et al.*, 2019).

No que tange aos aspectos científicos, estudos de Bourlon e Mao (2018) esclarecem que o ecoturismo e a ciência inerente à esta atividade devem ser desenvolvidos paralelamente, de forma a evidenciar que o turismo científico vem a ser subsidiado por diferentes nichos do mercado, os quais encontram-se baseados por práticas culturais e ambientais. Nessa perspectiva, segundo Brancalione (2016) “é de extrema importância a exploração dos recursos naturais, através de projetos de aprimoramento em prol da Educação Ambiental”. Neste contexto, reforça a afirmação de Dias (2003) ao abordar que “o Ecoturismo não é só uma atividade que une turismo e natureza, mas, deve refletir também os objetivos do desenvolvimento sustentável, incluindo, necessariamente, os aspectos centrados particularmente na equidade social”.

Logo, alguns princípios são essenciais para a implantação do ecoturismo, de forma que as atividades devem prover suporte à conservação e proteção ambiental com a adoção de atividades de baixo impacto ambiental; potencializar a responsabilidade dos atores envolvidos com a utilização sustentada dos recursos e criar ações concretas de fiscalização nesse sentido; gerar parcerias entre os setores público e privado locais; manter constante monitoramento das atividades realizadas com o envio de relatórios para o ministério público e conselho municipal de meio ambiente; realizar projetos de Educação para a Sustentabilidade agregados às atividades de ecoturismo; ampliar a valorização das culturas tradicionais local; e assegurar benefícios socioeconômicos e empoderamento sociocultural às pessoas envolvidas visando o desenvolvimento regional (Simonetti; Nascimento, 2012; Sancho-Pivoto; Alves; Rocha, 2018).

Neste contexto, observa-se o potencial que o setor do turismo tem para ser explorado e difundido, proporcionando novas fontes de receitas para a região dos atrativos, como hotéis, supermercados, restaurantes, agências de viagens e principalmente as propriedades detentoras dos espaços que podem ser utilizados. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2016) destaca o turismo como o responsável por gerar um a cada 10 empregos (diretos, indiretos e/ou induzidos), e por movimentar 1,4 trilhões de dólares de exportação, onde 7% são de exportações mundiais e 30% de exportações de serviços.

Entretanto, em locais aonde a atividade está se iniciando, há que se investir na formação de uma rede de profissionais e serviços para mediar as práticas e experiências de ecoturismo, haja vista que com a implantação do ecoturismo surge uma demanda por profissionais qualificados para atuarem diante das especificidades técnicas que o desenvolvimento desta atividade exige e nas perspectivas da oferta de serviços com maior qualidade almejando tornar o local um destino atrativo para os turistas (Castro; Galvão; Binfaré, 2019).

Além disso, é de suma importância, que ocorra, de forma concatenada à essa qualificação das pessoas envolvidas no ecoturismo, um levantamento amplo do potencial turístico local para se ter um planejamento adequado e direcionar as ações políticas, socioambientais e econômicas para consolidar o ecoturismo, com o mínimo de impacto ambiental.

Diante do aqui exposto, o objetivo desta pesquisa foi realizar o mapeamento, classificação e caracterização de cachoeiras em Quirinópolis, Goiás, Brasil, como subsídio ao fomento do ecoturismo no município.

Metodologia

Área de estudo

A área de estudo compreende o município de Quirinópolis, que está localizado na Mesorregião do Sul Goiano, na Bacia do Rio Paranaíba (Figura 1) e Região Lagos do Paranaíba do Mapa do Turismo de Goiás (Figura 2). Quirinópolis está distante da capital Goiânia em aproximadamente 285 km. Quirinópolis possui área total de 3.792 km², da qual 13,31 km² compreendem o perímetro urbano. Sua população estimada em 2022 (IBGE, 2022) foi de 48.447 habitantes, dos quais, cerca de 40.900 (84,42 %) vivem na área urbana.

O crescimento do ecoturismo no estado de Goiás tem se expandido nos últimos anos, em especial com a renovação do Mapa do Turismo em 2024 pela Goiás Turismo. Esse mapa foi subdividido em 12 regiões turísticas (Ouro, Chapada dos Veadeiros, Chapada das Emas, Estrada de Ferro, Águas Quentes,

Encantos do Planalto Central, Negócios e Tradições, Lagos do Paranaíba, Pegadas no Cerrado, Terra Ronca, Serra da Mesa e Vale do Araguaia), com 86 municípios cadastrados, o qual tem destaque, na Região Lagos do Paranaíba (Figura 2), o município de Quirinópolis, situado no sul de Goiás, na Região Imediata de Quirinópolis (Figura 3).

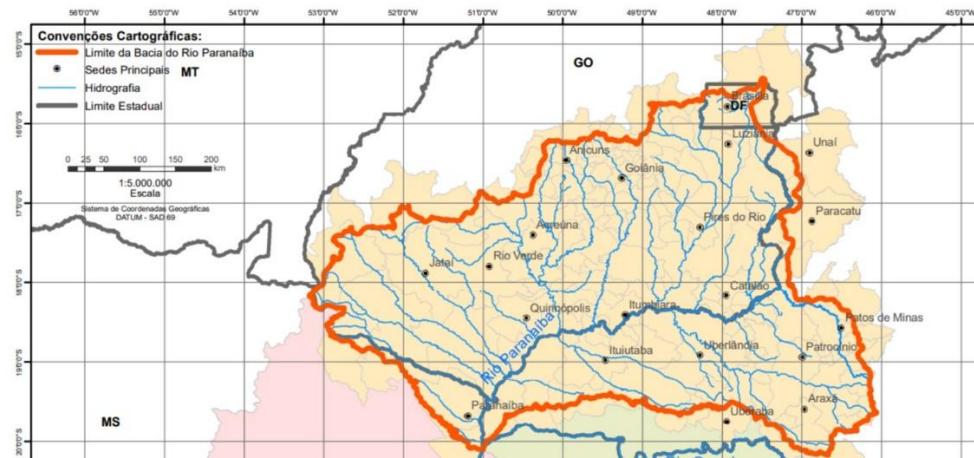


Figura 1. Municípios da Bacia do Paranaíba. Fonte: ANA (2008, p. 48).

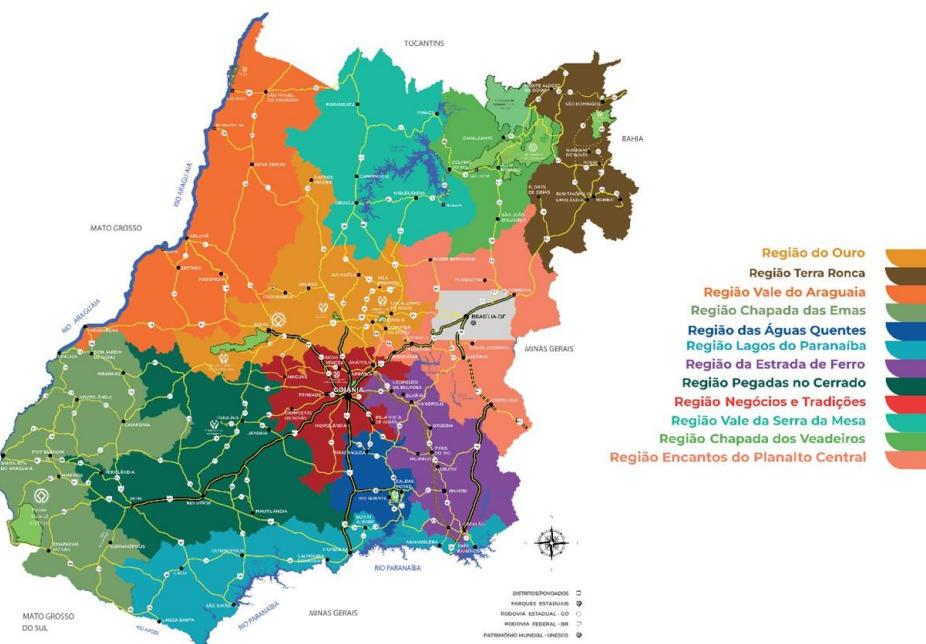


Figura 2. Mapa do Turismo 2024 com as 12 regiões turísticas (Ouro, Chapada dos Veadeiros, Chapada das Emas, Estrada de Ferro, Águas Quentes, Encantos do Planalto Central, Negócios e Tradições, Lagos do Paranaíba, Pegadas no Cerrado, Terra Ronca, Serra da Mesa e Vale do Araguaia). Fonte: Adaptado pelos autores da Agência Estadual de Turismo, Governo de Goiás (2024).



Figura 3. Regiões Geográficas Imediatas. Fonte: IBGE (2017).

O clima da região de Quirinópolis é caracterizado como:

Tropical quente Sub-Úmido, com duas estações bem definidas e variações anuais significativas quanto à umidade, temperatura e pluviosidade, sendo classificado como quente e úmido do tipo Aw, com chuvas de verão (outubro a março) e inverno seco (junho a setembro), de acordo com a tipologia climática de W. Koeppen (Borges; Silva; Castro, 2011, p. 5).

Considerando as médias anuais dos elementos climáticos proposta por Silva, Santana e Pellegrini (2006) a área de estudo está inserida em região com precipitação entre 1440 a 1600 mm/ano, com temperaturas máximas entre 29 e 30°C e mínima entre 17 e 18 °C, e umidade relativa entre 68 e 70%.

Em relação à hidrografia, o município de Quirinópolis pertence à Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba (SIEG, 2017; Santos; Carneiro; Paulo, 2017). Sobre a pedologia o comportamento morfopedológico a região de Quirinópolis

apresenta, predominantemente, “Latossolos Vermelhos Amarelos sobre as vertentes e Argissolos Vermelhos sobre os fundos de vales. A litologia é representada pelas areias do Grupo Bauru e rochas ígneas da formação Serra Geral nos fundos de vales” (Queiroz-Júnior *et al.*, 2014; Santos; Carneiro; Paulo, 2017).

Somado a esta beleza cênica, o recorte espacial selecionado para este estudo destaca-se por inserir-se em um ecótono riquíssimo, área de transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica (i3Geo – Ministério do Meio Ambiente, 2017). Em consonância Borsato, Loyola e Lemes (2015, p. 71) a caracterizam como ecorregião prioritária para conservação. Maury (2002, p. 177) ressalta que “devido a excepcional riqueza biológica, o Cerrado - assim como a Mata Atlântica - é considerado um dos *hotspots* mundiais, isto é, um dos domínios fitogeográficos mais ricos e ameaçados do Planeta”. A Mata Atlântica também apresenta altos índices de biodiversidade e de endemismo e está reduzida hoje a menos de 8% de sua extensão original (Fundação SOS Mata Atlântica, 1998). Além da relevância ecológica e necessidade de conservação, as cachoeiras ao longo dos diversos corpos hídricos que drenam o município de Quirinópolis tornam-se fontes de lazer na região, tornando o potencial turístico crescente.

Coleta de dados

Para o mapeamento, caracterização e classificação das cachoeiras foram selecionadas dez cachoeiras de interesse turístico no município de Quirinópolis, com a queda d’água mais distante cerca de 60 km do perímetro urbano. A opção por determinar essa distância se deve ao fato de ser viável para o deslocamento de visitantes às cachoeiras para fins de lazer e recreação e como se ter um parâmetro de limite exploratório da pesquisa, considerando a dimensão da área do município.

Esta investigação é classificada, metodologicamente, em uma pesquisa de caráter descritiva e exploratória e de campo, consoante aos objetivos propostos, pois, foi realizada uma descrição sobre o potencial turístico e um levantamento das cachoeiras no entorno do perímetro urbano. Quanto aos

procedimentos, a pesquisa é classificada como bibliográfica e pesquisa de campo. Segundo Azevedo e Costa (2021), a pesquisa é de suma importância para “fazer uma passagem do *eu acho* para o *eu sei*”, e Demo (2002) com a abordagem de que nenhuma pesquisa acontece de forma isolada. Nesta perspectiva, torna-se fundamental buscar estudos já realizados, identificando lacunas de forma a possibilitar novos estudos.

Segundo Silva e Menezes (2000) “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados [...] em geral, a forma de levantamento”. Quanto à pesquisa bibliográfica é essencial, pois, “compreende uma reunião de informações contidas em livros, dicionários, enciclopédias e artigos” (Azevedo; Costa, 2021).

Para Gil (1999) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Quanto à pesquisa de campo, ela caracteriza-se segundo Gonsalves (2001) sendo a que “exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas”.

O mapeamento e caracterização das cachoeiras foram realizados com visita em campo. Nos trechos das quedas das cachoeiras foi utilizado equipamentos de rapel de forma que seja garantida a segurança da equipe de coleta. Foi realizado registro fotográfico das cachoeiras com o uso de drone (DJI Mini 4 PRO) e câmera fotográfica (Canon T5i). Com a delimitação da área de estudo, foi efetuado duas saídas de campo para cada atrativo turístico, no período de julho de 2023 a outubro de 2024, em conjunto com profissionais das áreas de Ciências Biológicas, Geografia, Turismo e equipes de Rapel.

O Sistema de Informação Geográfica – SIG é um sistema capaz de armazenar, tratar, integrar, processar e modelar, e Câmara, Davis e Monteiro (2001, p. 1) salientam que o SIG permite “realizar análises complexas, ao integrar dados de diversas fontes e ao criar bancos de dados georreferenciados”.

Foram analisadas imagens de satélite *RapidEye*, *Google Earth* e *Google Maps* e, em campo com a utilização de drone para identificação da área, as visitas tiveram a finalidade de reconhecer a área a ser explorada para mapeamento, testar os aplicativos a serem utilizados, coletar os dados e complementações de observações não identificadas nas imagens de satélite.

O estudo por meio de análise espacial apoiada em geoprocessamento se caracteriza, segundo Moura (2007), no viés de compreender a aquisição das informações, tratar e analisar os dados especiais. Desta forma, para Souza *et al.* (2011) o *RapidEye* tem como diferencial a combinação de cobertura de grandes áreas, em que Antunes *et al.* (2014) afirmam ser composto por cinco satélites que possuem resolução espacial melhorada.

Durante as visitas em campo foi realizado o mapeamento da trilha por meio de uma ferramenta geotecnológica, o aplicativo *Wikiloc Navegação Outdoor GPS*, com a finalidade de obter informações tais como: distância, tempo, rota percorrida e variação de altitude, para futura instalação de placas de identificação com *QR Code* de informações aos turistas por meio de mapas que apresentem os dados do percurso e sua classificação.

Nesse entremeio, Neto (2010) elenca o QGIS como potencial vantagem por possibilitar a importação de pontos de GPS por meio da instalação complementar de *plug-ins* no próprio aplicativo e Torchetto *et al.* (2014, p. 712) consideram que o *software* elenca a possibilidade de “compor mapas impressos”.

A confecção dos mapas foi realizada pelo aplicativo QGIS (Sistema de Informações Geográficas – SIG, de código aberto), com os bancos de dados do *Google Earth*, *Google Maps*, imagens de satélite e de drones para as características dos pontos turísticos, para melhor comunicação com os turistas, de forma a facilitar o deslocamento e identificação de cada atrativo turístico.

Para avaliação do potencial de ecoturismo as cachoeiras foram classificadas com subsídio em três critérios: trilha de acesso; possibilidade de atividade de rapel e possibilidade para banho em piscinas naturais. Em seguida, adotou-se a classificação das cachoeiras de acordo com a NBR 15505-2:2019, denominada *Severidade do Meio* e composta por quatro critérios, a saber: severidade do meio; orientação no percurso; grau técnico do percurso e grau de

esforço físico, utilizados para classificação e certificação de atrativos turísticos (NBR 15505-2:2019). Foi usada esta NBR, que é específica para atividade de caminhada, por não existir uma norma específica para a atividade de rapel em paredão de cachoeira.

Resultados e Discussão

O município de Quirinópolis, conforme os recenseamentos do IBGE, teve um crescimento pujante entre os anos de 2000 e 2022, em virtude de um processo de aceleração de urbanização, em virtude da instalação de duas grandes Usinas Sucroenergéticas em seu município. Quirinópolis teve um crescimento populacional de 16% do ano de 2000 para 2010, e de 2010 para 2022 cresceu 17%, tendo um crescimento de 33% em 22 anos (IBGE, 2022).

Com esse crescimento populacional é notória a oportunidade de mais pessoas procurando refúgios de lazer para os momentos fora do trabalho, tempo livre, evidenciando a importância de divulgação dos atrativos naturais do município. Entre as opções de lazer em Quirinópolis está o proporcionado pelas áreas atrativas do município, como os cursos d'água e cachoeiras. Consoante ao exposto, esta pesquisa produziu fotos e características de dez cachoeiras consideradas como atrativos naturais em Quirinópolis (Quadro 1, Figura 4), um mapa de localização (Figura 5), perfazendo a promoção destes espaços atrativos para a população local e oportunidade de visitantes de outras regiões.

O concatenado de cachoeiras apresentadas evidencia um cenário amplo de possibilidades de atividades turísticas, principalmente para a prática de Ecoturismo e Turismo de Aventura, com possibilidade de operacionalização de atividades de rapel em nove delas. Apenas na cachoeira do São Francisco “Ponte Quebrada” não é possível a realização da prática de rapel, tendo em vista a sua altura e o rebojo gerado pela queda da água. Nos últimos dez anos, em Quirinópolis, o turismo de aventura tem sido impulsionado pela prática de rapel nos paredões de cachoeira.

No Brasil, desde 2004, a prática das atividades de turismo de aventura tem sido fomentada pela Associação Brasileira das Agências de Ecoturismo e

Turismo de Aventura (ABETA). Para esta entidade, a potencialidade turística brasileira no contexto natural ainda é incipiente, da mesma forma que a qualificação dos promotores do turismo de aventura (Prímola; Brambilla; Vanzella, 2020). Entretanto, em Quirinópolis o turismo de aventura com a prática de rapel tem conduzido à formação, qualificação e dedicação de diversas pessoas, as quais tem se profissionalizado em cursos de instrutor de rapel e formação pelo Corpo de Bombeiros.

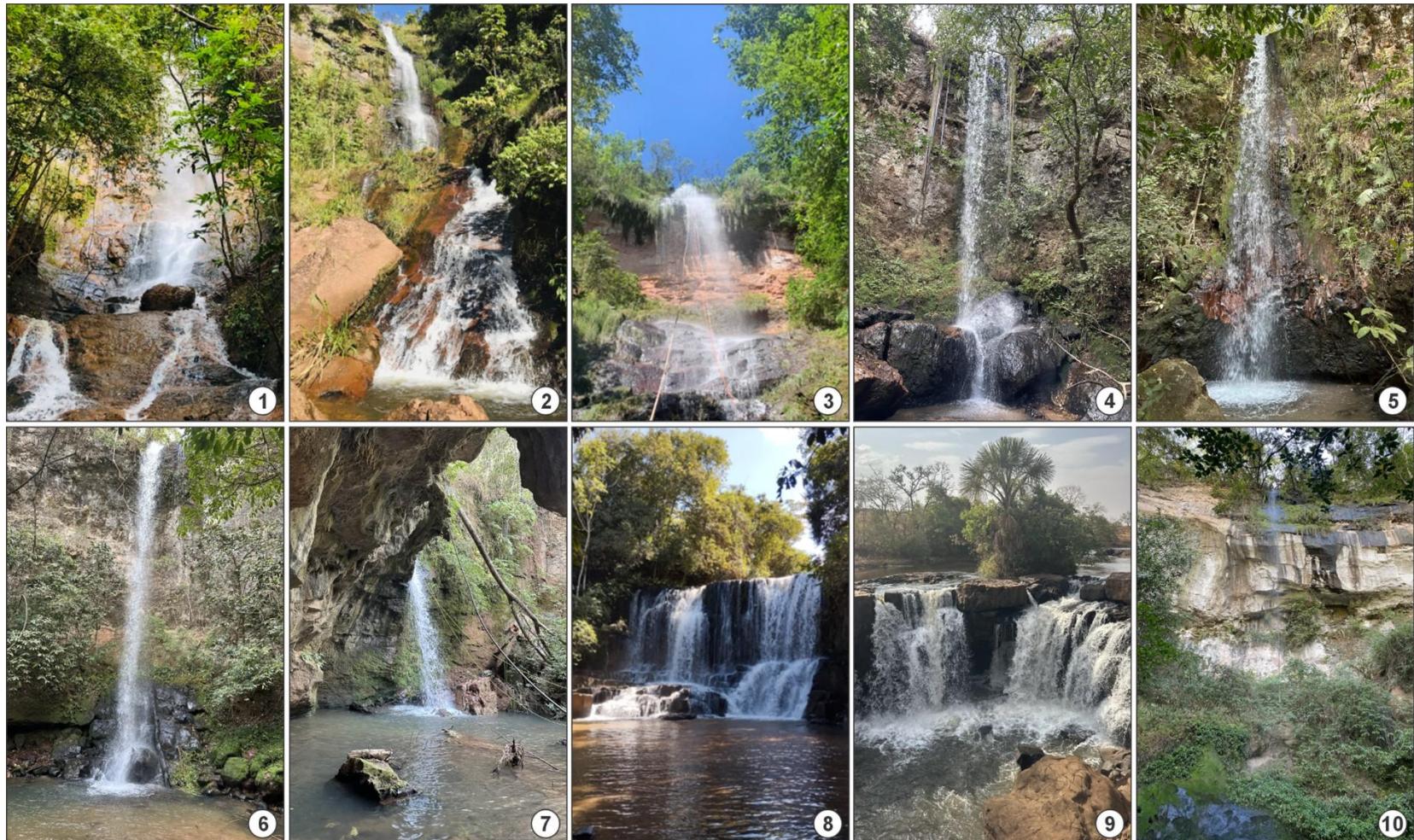


Figura 4. Cachoeiras amostradas em Quirinópolis, Goiás, Brasil. 1 = Cachoeira da Sucuri; 2 = Cachoeira Serra das Antenas; 3 = Cachoeira da Lacoste; 4 = Cachoeira do Encontro 1; 5 = Cachoeira do Encontro 2; 6 = Cachoeira do Salgado; 7 = Cachoeira da Gruta; 8 = Cachoeira do Jacaré; 9 = Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada); 10 = Cachoeira do Marimbondo.

Quadro 1. Dados de localização e caracterização quanto à existência de trilha de acesso, possibilidade de realização de rapel e local de banho de dez cachoeiras com potencial para o Ecoturismo em Quirinópolis, Goiás, Brasil.

Nº	Nome	Latitude	Longitude	Distância da área urbana (km)	Trilha de Acesso	Rapel	Banho
1	Cachoeira da Sucuri	18° 20' 31.176" S	50° 29' 29.368" W	21	sim	sim	sim
2	Cachoeira Serra das Antenas	18° 20' 27.390" S	50° 29' 34.777" W	19	sim	sim	sim
3	Cachoeira da Lacoste	18° 20' 41.859" S	50° 30' 53.310" W	21	sim	sim	não
4	Cachoeira do Encontro 1	18° 15' 4.829" S	50° 48' 35.054" W	54	sim	sim	sim
5	Cachoeira do Encontro 2	18° 15' 4.617" S	50° 48' 34.501" W	54	sim	sim	sim
6	Cachoeira do Salgado	18° 15' 11.469" S	50° 48' 43.136" W	54	sim	sim	sim
7	Cachoeira da Gruta	18° 15' 13.443" S	50° 48' 45.043" W	54	sim	sim	sim
8	Cachoeira do Jacaré	18° 41' 33.219" S	50° 27' 54.059" W	31,5	sim	sim	sim
9	Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada)	18° 25' 48.911" S	50° 21' 26.237" W	10	sim	não	sim
10	Cachoeira do Marimbondo	18° 17' 32.875" S	50° 35' 2.479" W	32,7	sim	sim	não

Fonte: Os Autores (2024).

O rapel é uma atividade de descida oriunda de técnicas do alpinismo. Uma das modalidades de rapel mais utilizadas decorre do uso de cordas e

equipamentos adequados para a descida de paredões e vãos livres em edificações ou na natureza, como os paredões de cachoeira. O rapel vem sendo cada vez mais praticado como esporte radical e os paredões naturais ampliaram esta atividade, principalmente por proporcionar o contato com a natureza em belas paisagens naturais. Entretanto, a prática do rapel exige atenção com a segurança e os iniciantes devem ser antecipadamente instruídos e acompanhados por profissionais que possuam cursos preparatórios (Beck, 2002).

Os praticantes de rapel são denominados “rapeleiros” ou instrutores de rapel (aqueles com formação para operacionalização da atividade como prática esportiva). Para estes profissionais o verdadeiro risco encontra-se na prática por pessoas desqualificadas, equipamento de segurança e para descida improvisados e descer sem uma análise prévia do paredão quanto às questões inerentes à segurança. Os equipamentos usados para a prática do rapel são cadeirinha, corda dupla, descensor, mosquetão, freio oito, capacete e luvas (Brasil, 2009), além de roupa confortável para a descida e o uso, de preferência, de tênis com solado que evite escorregamento.

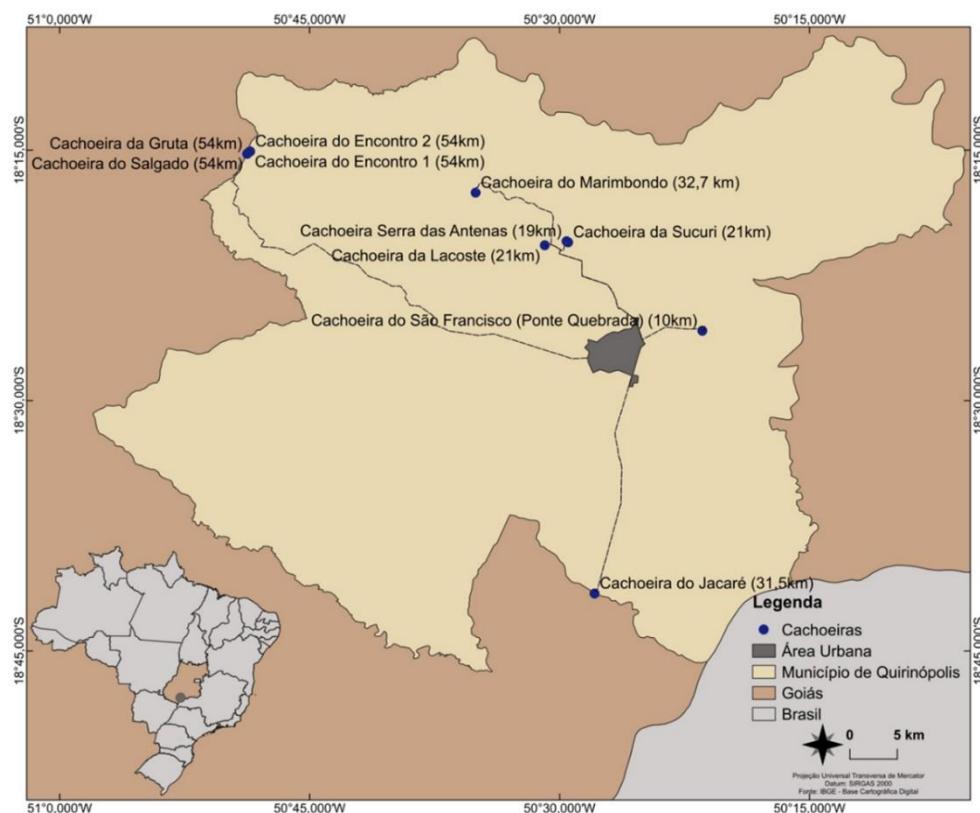


Figura 5. Localização das dez cachoeiras amostradas no presente estudo, Quirinópolis, Goiás, Brasil. Fonte: os autores (2024).

Dentre as dez cachoeiras amostradas, apenas a Lacoste e a do Marimbondo não possui local apropriado para banho. Dentre as perspectivas turísticas para o ambiente das cachoeiras estão a beleza cênica, o estado de conservação, a busca por estar em contato com a natureza, a realização de rapel (para os que apreciam essa modalidade de aventura) e a possibilidade de se refrescar dentro do curso d'água. Para esta última opção, o curso d'água deve ter um local apropriado para banho, ou seja, um local que seja seguro, tenha água limpa e profundidade e velocidade da correnteza adequadas. Logo, a maioria das cachoeiras do presente estudo (80%) apresenta a opção de banho para os visitantes.

O deslocamento para esses ambientes representa regionalmente, no Cerrado goiano, um movimento de organização familiar com o intuito de vivenciar algumas horas de lazer e diversão, em espaços sem infraestruturas, mas que propiciam o desenvolvimento de entretenimento entre as diversas classes sociais rural e urbana (Santos, 2017). Subsidiado por estes deslocamentos, com finalidade de lazer e recreação, a esses espaços naturais, o Ecoturismo surge com um crescimento pujante no município, passando a fazer parte das interações sociais e cultura local, sendo perpetuado pelas novas gerações, podendo resultar também, em alterações das paisagens locais.

Vale ressaltar aqui, que entre os anos de 2022 a 2023, houve uma iniciativa gerida pela Superintendência de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Trabalho, da Prefeitura de Quirinópolis, para fornecer uma infraestrutura para a implementação do Ecoturismo. Entre as ações, algumas foram direcionadas para melhorar o acesso a algumas cachoeiras. Mediante contratação de uma empresa de rapel local, entre as atividades que foram desenvolvidas neste período, específicas para o acesso e entorno de algumas cachoeiras estão: sinalização para chegar a cachoeiras, melhorias ao acesso das trilhas com a construção de escadas com o reuso de pneus para tornar mais seguro e fácil o acesso e instalação de cordas e escadas para facilitar a subida após a descida do rapel nos paredões.

A tomada de decisão em prol de implementar o Turismo em Quirinópolis, nos últimos anos, se deu em função de incentivo em nível estadual, promovido

pela Agência Estadual de Turismo - Goiás Turismo. Segundo o estabelecido na Lei nº 21.792, de 16 de fevereiro de 2023 (Goiás, 2023, s/p):

Art. 54. À GOIÁS TURISMO competem:

- I – a execução da política estadual de turismo;
- II – a identificação, o desenvolvimento e a exploração de potenciais turísticos do Estado;
- III – a captação de recursos para o turismo e a execução de ações a ele relacionadas;
- IV – a prestação de serviços técnicos, o monitoramento de impactos socioeconômicos, ambientais e culturais sobre a atividade turística e a qualificação de profissionais do ramo do turismo;
- V – a gestão e o monitoramento do Calendário Turístico do Estado de Goiás, além do apoio na realização de eventos ou festas tradicionais dele;
- VI – a elaboração, ouvido o Conselho Estadual de Turismo e especialistas, do Plano Estadual de Turismo;
- VII – o apoio à realização de eventos turísticos do calendário oficial; e
- VIII – a elaboração do mapeamento, planejamento e padronização das sinalizações turísticas.

Além do papel da Agência Estadual de Turismo - Goiás Turismo quanto ao fomento ao Turismo goiano, na última década, houve também treinamento e qualificação profissional com a participação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) com a criação de cursos específicos na área de Turismo e Hospitalidade e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em parceria com a Prefeitura Municipal com a realização de uma oficina sobre Gestão de Riscos em Atividades de Turismo de Aventura e o curso Líder de Turismo de Aventura, assim como, uma preocupação, no contexto político e no setor privado, quanto ao incremento de uma infraestrutura turística, tais como adequação dos setores hoteleiros e de restaurantes.

Embora tenha ocorrido uma iniciativa em prol desta implementação do Ecoturismo em Quirinópolis, as ações específicas para melhorias da infraestrutura para as atividades de turismo de aventura nas cachoeiras foram incipientes e encerradas em 2024, no âmbito de política pública na esfera municipal. Para melhor compreensão sobre política pública voltada ao turismo esta é definida como um conjunto de intenções, diretrizes e estratégias e/ou ações deliberadas, no âmbito do poder público, almejando alcançar e/ou dar continuidade ao pleno

desenvolvimento da atividade turística em determinada localidade (Cruz, 2001). Logo, há muito a ser realizado para que as condições de acesso e estímulo ao Turismo de Aventura inerente às cachoeiras de Quirinópolis avancem no município.

Com a realização da caracterização de severidade do meio de acordo com ABNT NBR 15505-2 (2019), todas as cachoeiras amostradas apresentam os fatores: eventualidade de queda no vazio ou por um declive acentuado; exposição a trechos permanentemente escorregadios, pedregosos ou alagados durante o percurso; exposição a trechos escorregadios ou alagados devido às chuvas durante o percurso; e região ou trechos sem acesso à água potável.

Outros dois fatores que ocorrem em 90% das cachoeiras amostradas são exposição a desprendimentos espontâneos de pedras durante o percurso e exposição a desprendimentos de pedras provocados pelo próprio grupo ou outro durante o percurso. Apenas a Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada) não apresenta esses dois últimos fatores (Quadro 2). Todos os fatores aqui mencionados são intrínsecos às características dos ambientes de acesso e entorno das cachoeiras, ou seja, fazem parte destes ambientes naturais, seja pela presença de umidade, declividade do relevo ou por se tratar de área natural exposta às chuvas.

De acordo com os números de fatores a maioria das cachoeiras amostradas (80%) se classifica como severo (grau 3). Já as Cachoeiras do Jacaré e do Marimbondo se enquadram na classificação bastante severo (grau 4) (Quadro 3).

Quadro 2. Caracterização de severidade do meio de acordo com ABNT NBR 15505-2 (2019) para as cachoeiras amostradas em Quirinópolis, Goiás, Brasil. 1 = Cachoeira da Sucuri; 2 = Cachoeira Serra das Antenas; 3 = Cachoeira da Lacoste; 4 = Cachoeira do Encontro 1; 5 = Cachoeira do Encontro 2; 6 = Cachoeira do Salgado; 7 = Cachoeira da Gruta; 8 = Cachoeira do Jacaré; 9 = Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada); 10 = Cachoeira do Marimbondo. Em negrito = fator que existe para todas as cachoeiras.

Fatores de Classificação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a) exposição a desprendimentos espontâneos de pedras durante o percurso;	X	X	X	X	X	X	X	X		X
b) exposição a desprendimentos de pedras provocados pelo próprio grupo ou outro durante o percurso;	X	X	X	X	X	X	X	X		X
c) eventualidade de queda no vazio ou por um declive acentuado;	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
d) existência de passagens onde seja necessário o uso das mãos para progredir no percurso;	X	X	X					X		X
e) exposição a trechos permanentemente escorregadios, pedregosos ou alagados durante o percurso;	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
f) exposição a trechos escorregadios ou alagados devido às chuvas durante o percurso;	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
g) travessia de rios ou outros corpos d'água com correnteza, a vau (sem ponte);										
h) alta probabilidade de chuvas intensas ou contínuas para o período;										
i) alta probabilidade de que pela noite a temperatura caia abaixo de 0 °C;										
j) alta probabilidade de que a temperatura caia abaixo de 5 °C e a umidade relativa do ar supere os 90 %;										
k) alta probabilidade de exposição a ventos fortes ou frios;								X		
l) alta probabilidade de que a umidade relativa do ar seja inferior aos 30 %;										
m) alta probabilidade de exposição ao calor em temperatura acima de 32 °C;										
n) longos trechos de exposição ao sol forte;									X	X
o) tempo de realização da atividade igual ou superior a 1 h de marcha sem passar por um lugar habitado, um telefone de socorro (ou com sinal de celular ou radiocomunicador) ou uma estrada aberta com fluxo de veículos;				X	X			X	X	X
p) tempo de realização da atividade igual ou superior a 3 h de marcha sem passar por um lugar habitado, um telefone de socorro (ou com sinal de celular ou radiocomunicador) ou uma estrada aberta com fluxo de veículos;										
q) diferença entre o tempo necessário para completar o percurso e a quantidade de horas restantes de luz natural ao fim do dia (disponível na época do ano considerada) menor que 3 h;										
r) eventual diminuição da visibilidade por fenômenos atmosféricos que possam aumentar consideravelmente a dificuldade de orientação ou a localização de pessoas em algum trecho do percurso;										
s) trajeto por vegetação densa ou por terreno irregular que possa dificultar a orientação ou a localização de pessoas em algum trecho do percurso;					X	X				X
t) região ou trechos sem acesso à água potável.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Quant.	7	7	8	8	8	6	6	9	6	9

Fonte: Os Autores (2024)

Quadro 3. Classificação de percursos de caminhada segundo o grau de severidade do meio (analisado pelo número de fatores apresentados na Quadro 2 de acordo com a ABNT NBR 15505-2 (2019)).

Grau	Classificação	Número de fatores	Cachoeira
1	Pouco severo	Até 3	-
2	Moderadamente severo	4 a 5	-
3	Severo	6 a 8	Cachoeira da Sucuri, Cachoeira Serra das Antenas, Cachoeira da Lacoste, Cachoeira do Encontro 1, Cachoeira do Encontro 2, Cachoeira do Salgado, Cachoeira da Gruta e Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada)
4	Bastante severo	9 a 12	Cachoeira do Jacaré e Cachoeira do Marimbondo
5	Muito severo	Pelo menos 13	-

Fonte: os autores (2024)

Considerações Finais

O ecoturismo revela-se como uma atividade pujante para o município de Quirinópolis, destacando-se como um setor em expansão que proporciona oportunidades de visitação, prática de rapel e outras atividades de aventura. Esse segmento tem se consolidado como uma importante alternativa de lazer e descanso, funcionando como um alívio para a rotina urbana.

A região, que pertence predominantemente ao bioma Cerrado, apresenta uma vegetação típica desse ecossistema nos arredores dos principais atrativos naturais, com características específicas de sua biodiversidade. O levantamento e mapeamento realizados evidenciam a diversidade e riqueza dos ambientes naturais presentes no município, destacando a importância de se produzir dados sistematizados sobre esses atrativos.

Além disso, é fundamental fomentar o aperfeiçoamento técnico e educativo da população local e dos praticantes de rapel, por meio de cursos e capacitações voltados para a operacionalização do esporte de aventura, o ecoturismo, a Educação para a Sustentabilidade e as práticas de aventura. Essa iniciativa contribui, não apenas para a segurança e a qualidade das experiências oferecidas, mas, também, para a formação de profissionais preparados para atuar no setor, fortalecendo a cadeia produtiva local.

A qualificação da mão de obra é um diferencial competitivo que valoriza os atrativos naturais de Quirinópolis, assegurando práticas sustentáveis e incentivando a geração de emprego e renda. Dessa forma, o desenvolvimento humano e profissional torna-se uma peça-chave no equilíbrio entre conservação ambiental e crescimento econômico sustentável.

Nos últimos anos, o município tem demonstrado um novo olhar para o ecoturismo, reconhecendo seu potencial como estratégia de desenvolvimento sustentável e diversificação econômica. Políticas públicas começam a ser direcionadas para a valorização dos atrativos naturais, promovendo iniciativas que visam estruturar e regulamentar a atividade.

No entanto, por se tratar de um segmento relativamente novo na região, ainda carece de maior fomento, encontrando-se em uma fase inicial de compreensão, planejamento e adaptações. Esse cenário indica a necessidade de investimentos em infraestrutura, capacitação de profissionais e sensibilização da comunidade local para que o ecoturismo se consolide de forma eficiente e sustentável.

Essas informações são fundamentais tanto para a promoção do ecoturismo na região quanto para subsidiar políticas de conservação ambiental. Além disso, o mapeamento serve como estímulo para a realização de novas pesquisas, que poderão ampliar o conhecimento sobre os recursos naturais locais e sua potencialidade para o desenvolvimento sustentável.

A divulgação desses dados é crucial para fomentar o turismo de forma planejada, preservando os ecossistemas e promovendo o desenvolvimento econômico da região de forma equilibrada.

Referências

- Agência Estadual de Turismo. Governo de Goiás. Disponível em: <https://goias.gov.br/turismo/novo-mapa-do-turismo-de-goias-passa-a-contar-com-86-municípios/>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- ANA (Agência Nacional de Águas). **Relatório de estudos hidrológicos na bacia do rio Xingu**. Brasília: Agência Nacional de Águas - ANA, NHI, 2008. Disponível em: https://cbhparanaiba.org.br/uploads/documentos/PRH_PARANAIBA/DOCUMENTOS_APOIO/Parte_A_Caracterizacao_Bacia.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

- ANDERSEN, N. S.; TRENTIN, B. E.; COSTA, C. D. P.; BECHARA, F. C. **Scientific Ecotourism in Brazil.** *Revista Brasileira de Ecoturismo*, v.12, n.4, 2019.
- ANTUNES, M. A. H.; DEBIASI, P.; SIQUEIRA, J. C. S. Avaliação espectral e geométrica das imagens RapidEye e seu potencial para o mapeamento e monitoramento agrícola e ambiental. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 66, p. 101-113, 2014.
- AZEVEDO, G. X. de; COSTA, G. M. C. **Metodologia da Pesquisa Facilitada.** Goiânia: Agbook, 2021.
- BECK, S. **Com Unhas e Dentes.** 2. ed. [S.I.]: Edição do Autor, 2002.
- BORGES; V. M. S.; SILVA, A. A.; CASTRO, S. S. Caracterização Edafoclimática da Microrregião de Quirinópolis-GO para o cultivo da cana-de-açúcar. Goiânia: UFG, 2011. Disponível em: http://www.labogef.iesa.ufg.br/labogef/arquivos/downloads/caracterizacao_edafoclimatica_47248.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.
- BORSATO, R.; LOYOLA, R.; LEMES, P. **Ecorregiões do Brasil – prioridades terrestres e marinhas.** Série Cadernos Técnicos - Volume III. Instituto LIFE (Lasting Initiative for Earth). Versão I – 15.01. 2015.
- BOURLON, F.; MAO, P. Las formas del turismo científico en Aysén, Chile. **Gestión Turística**, v. 15, p. 74-98, 2018.
- BRANCALIONE, L. Educação Ambiental: Refletindo Sobre Aspectos Históricos, Legais E Sua Importância No Contexto Social. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai –IDEAU. **Revista de Educação do Rei**, v. 11. n. 23, 2016.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo:** orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Acessível: Bem Atender no Turismo de Aventura Adaptada.** Brasília: [s.n.], v. IV, 2009. 88 p.
- CÂMARA, G.; DAVIS, C.; MONTEIRO, A.M.V. **Introdução à ciência da geoinformação.** São José dos Campos, SP: INPE, 2001.
- CASTRO, C.A.T; GALVÃO, P.L.A; BINFARÉ, P.W. Fatores que influenciam a demanda por qualificação profissional para o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 11, n. 4, 2019.
- CEBULISKI, B. S. P. A perspectiva turística para lugares remotos: Análise do município de Laranjal do Jari (AP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 15, n. 5, 2022.
- CRUZ, R. C. A. da. **Política de Turismo e Território.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

- DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.
- Fundação SOS Mata Atlântica, INPE & Instituto Socioambiental. **Atlas da evolução dos remanescentes florestais da Mata Atlântica e ecossistemas associados no período de 1990-1995**. São Paulo, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOIÁS. Lei nº 21.792, de 16 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/106749/lei-21792. Acesso em: 11 dez. 2024.
- GONSALVES, E.P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.
- i3Geo – Ministério do Meio Ambiente, 2017. Disponível em: <https://pnla.mma.gov.br/i3geo>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados do Brasil. Quirinópolis, GO: IBGE, 2022.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões Geográficas Imediatas, 2017. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/52_e_53_regioes_geograficas_goias_e_distrito_federal.pdf. Acesso em: 06 jan. 2025.
- MAURY, C. M. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília: MMA/SBF, 2002. Disponível em: https://i-flora.iq.ufrj.br/download/sobre_rj_biodiversidade.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.
- MOLINA E, Sergio. **Turismo e ecologia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- MOURA, A. C. M. Reflexões metodológicas como subsídio para estudos ambientais baseados em Análise de Multicritérios. **Anais**. XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, 2007.
- NBR 15505-2:2019. **Turismo de aventura - Caminhada**, Parte 2: Classificação de percursos. Associação Brasileira de Normas Técnicas, Rio de Janeiro, 2019.
- NEIMAN, Z. (Org). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri: Manole, 2002.
- NETO, J. A. B.; Carneiro, A. F. T. **Análise e aplicação de softwares livres na estruturação de cadastros territoriais urbanos**. CONIC, CTG – UFPE, 2010.
- OLIVEIRA, H. A. de; SANTOS, M. A. Modernização, urbanização e turismo na região das Águas Quentes, 1970-2010. In: OLIVEIRA, Hamilton Afonso de. **Diferentes olhares sobre o turismo na região das Águas Quentes de Goiás**. Goiânia: Kelps, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Visa Openness Report**, OMT, 2016. Disponível em: <https://www.e-unwto.org>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PRÍMOLA, S.; BRAMBILLA, F.; VANZELLA, E. Acessibilidade no turismo de aventura: a prática de rapel por cadeirantes na Barra de Gramame-PB. **T & H Turismo e Hotelaria no contexto da Responsabilidade Social**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

QUEIROZ JUNIOR, V.; MARTINS, A.; BARCELOS, A.; BATISTA, D. Compartimentação Morfopedológica da Microrregião de Quirinópolis, Goiás. **REVISTA GEONORTE**, [S. I.], v. 5, n. 21, p. 59–64, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/1493>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SANCHO-PIVOTO, A.; ALVES, A. F.; ROCHA, M. C. R. Ecoturismo em áreas protegidas: um olhar sobre o perfil de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. **Revista Geografias**, v. 14, n. 2, p. 54–79, 2022.

SANTOS, J. C. V. Práticas iniciais de lazer e turismo: a sacralização de rios e cachoeiras no município de São Simão, Goiás, Brasil. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v. 6, n. 2, p. 175-187, 2017.

SANTOS, J. C. V.; CARNEIRO, V. A.; PAULO, P. O. Serra da Confusão do Rio Preto (Quirinópolis e Rio Verde, Estado de Goiás): trabalho de campo, investigações e ensinagens. **Revista Cerrados**, v. 15, n. 2, p. 21–45, 2017.

SILVA, E. L. da.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/ PPGEP/LED, 2000.

SILVA, S. C.; SANTANA, N. M.; PELEGRI, J. C. Caracterização Climática do Estado de Goiás. Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás/ Superintendência de Geologia e Mineração. **Série Geologia e Mineração** n. 3. 2006.

SIMONETTI, Susy Rodrigues; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Uso público em unidades de conservação: fragilidades e oportunidades para o turismo na utilização dos serviços ecossistêmicos. Somanlu: **Revista de estudos amazônicos**, v. 12, p. 173-190, 2012.

Sistema Estadual de Geoinformação. 2016. “Downloads de arquivos SIG (Shapifile)”. Disponível em: <http://www.sieg.go.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SOUZA, K. R.; VIEIRA, T. G. C.; ALVES, H. M. R.; VOLPATO, M. L.; ANJOS, L.A.P.; SOUZA, C. G.; ANDRADE, L. N. Classificação automática de imagem do satélite Rapideye para o mapeamento de áreas cafeeiras em Carmo de Minas, MG. In: VII Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, Araxá – MG, **Anais**, agosto, 2011. Disponível em: https://www.embrapa.br/web/mobile/publicacoes?_buscapublicacao_WAR_pcebusca_6_1portlet_titulo. Acesso em: 10 jan. 2023.

TAVARES, F.; IRVING, M. A. **Natureza S. A.:** o consumo verde na lógica do Ecopoder. São Carlos: RIMA Editora, 2009.

TORCHETTO, Natieli Luisa; et. al., O uso do Quantum Gis (QGIS) para caracterização e delimitação de área degrada por atividade de mineração de basalto no município de Tenente Portela (RS). **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 18. n. 2, 2014.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades.** Barueri, SP: Manole, 2001.

Agradecimentos

À CAPES pela bolsa de mestrado. À Prefeitura de Quirinópolis (Termo de Cooperação nº 08/2022, Processo SEI N. 202200020002041, publicado no Diário Oficial/GO nº 23.892, de 30 de setembro de 2022, Ano 186, p. 113), pelo apoio inicial a infraestrutura, equipamentos e recursos necessários à execução dessas atividades técnicas. Ao Elite Rapel pelo auxílio nas atividades de acesso as Cachoeiras.

Capítulo III

LEVANTAMENTO DO POTENCIAL DE ECOTURISMO NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS COM SUBSÍDIO NA MATRIZ SWOT: UMA ÊNFASE PARA O TURISMO COM A PRÁTICA DE RAPEL NOS PAREDÕES DE CACHOEIRA

SURVEY OF THE POTENTIAL FOR ECOTOURISM IN THE MUNICIPALITY OF QUIRINÓPOLIS WITH SUPPORT FROM THE SWOT MATRIX: AN EMPHASIS ON TOURISM WITH THE PRACTICE OF RAPPELLING ON WATERFALL WALLS

RESUMO

O estudo investigou o potencial de ecoturismo em Quirinópolis, Goiás, com ênfase na viabilidade quanto à prática de rapel em paredões de cachoeira, utilizando a Matriz SWOT para identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. A pesquisa buscou suprir a lacuna de exploração e planejamento sustentável dos recursos naturais dos paredões cachoeiras para o ecoturismo. Através de visitas *in loco* a dez cachoeiras e análise de documentos, o estudo revelou o potencial do município para o turismo de aventura e ecoturismo, e, paralelamente, destacou a necessidade de melhorias na infraestrutura, sinalização e capacitação profissional dos atores envolvidos nesta atividade. Quirinópolis possui grande potencial ecoturístico, mas necessita de planejamento estratégico e investimentos para desenvolver um turismo sustentável e estruturado, além de ampliar ações conservacionistas para restaurar e conservar os ecossistemas naturais que margeiam as cachoeiras.

Palavras-chave: Conservação do Cerrado. Desenvolvimento local. Planejamento estratégico. Sustentabilidade Rural.

ABSTRACT

The study investigated the potential for ecotourism in Quirinópolis, Goiás, with an emphasis on the feasibility of rappelling down waterfall walls, using the SWOT Matrix to identify strengths, weaknesses, opportunities and threats. The research sought to fill the gap in the sustainable exploration and planning of natural resources in waterfall walls for ecotourism. Through on-site visits to ten waterfalls and document analysis, the study revealed the municipality's potential for adventure tourism and ecotourism, and,

at the same time, highlighted the need for improvements in infrastructure, signage and professional training for those involved in this activity. Quirinópolis has great ecotourism potential, but it needs strategic planning and investment to develop sustainable and structured tourism, in addition to expanding conservation actions to restore and conserve the natural ecosystems that border the waterfalls.

Keywords: Conservation of the Cerrado. Local development. Strategic planning. Rural Sustainability.

Introdução

A gestão de regiões identificadas como promissoras para a implantação e estabelecimento do Ecoturismo precisa preocupar-se com planejamento e estudos das potencialidades *in loco* para divulgar e comercializar seu produto turístico preconizado por uso sustentável, diminuindo assim, os impactos causados pela atividade.

O Ecoturismo tem se mostrado em constante crescimento, gerando impactos econômicos promissores (Teixeira; Bomfim, 2016). Entretanto, esta atividade econômica deve ser obrigatoriamente desenvolvida no viés de valorização e preservação do patrimônio natural (Silva, 2017). Logo, o turismo tem que ter por base a sustentabilidade (Ibret; Aydinozu; Bastemur, 2013) e, assim, minimizar o impacto negativo nos ecossistemas.

Uma solução para o Ecoturismo ser norteado pela sustentabilidade é que ele ocorra paralelamente a ações de Educação para a Sustentabilidade, haja vista que está constitui uma ferramenta pedagógica para sensibilizar e construir respeito ambiental e cultural (Rangel; Sinay, 2019).

Nesta perspectiva, o mercado do Ecoturismo pode ser fortalecido com apoio de todos os setores envolvidos, sendo eles: iniciativa privada, poder público, profissionais que atuam diretamente na atividade turística, residentes e visitantes. De forma planejada e equilibrada, o fortalecimento do Ecoturismo dar-se-á com a colaboração mútua, identificando potencialidades, culminando em resultados e oportunidades por meio do estudo a qual se propõe a realização.

Subjacente à essa ideia, tem-se a premissa de conhecer, estudar e catalogar os diversos atrativos em cada ambiente, proporcionando tanto uma perspectiva de atração de visitantes, quanto conservação dos elementos naturais que eles possuem. De

acordo com Maranhão e Azevedo (2019) para o turismo sustentável, especialmente o Ecoturismo, é fundamental que os gestores sejam confrontados com inúmeros desafios. Desta forma, o conhecimento de ferramentas que propicie o processo de gestão torna-se fundamental. Neste contexto, o uso da Matriz *SWOT* auxilia no levantamento do potencial turístico local e estabelece um diagnóstico confiável quanto ao potencial de um destino turístico e seu ambiente (Goranczewski; Puciato, 2010).

Como exemplo, um estudo sobre a Lalibela, patrimônio cultural da Etiópia, o qual aplicou a Matriz *SWOT* e através dos dados obtidos por entrevistas, documentos e observações, identificou que o referido patrimônio possui como principais fraquezas a falta de profissionais, problemas orçamentários e falta de preocupação por parte da UNESCO; enquanto, entre os pontos fortes estão festivais únicos, estabelecimentos de qualidade, cultura indígena, 11 igrejas talhadas em rocha e topografia espetacular (Nega, 2018).

A metodologia de avaliação estratégica *SWOT* surgiu a partir da década de 1960 a partir de pesquisas conduzidas por Albert "Humph" Humphrey em 1.100 organizações da *Fortune 500*, como forma de realizar um planejador corporativo, para investigar as falhas no planejamento corporativo e desenvolver um novo sistema de gestão de mudanças (Humphrey, 2005).

Face a este exemplo, entende-se que a Matriz *SWOT* (*strengths* (forças), *weaknesses* (fraquezas), *opportunities* (oportunidades) e *threats* (ameaças)) (Casemiro; Simões; Moraes, 2022) é amplamente utilizada, o que é corroborado pelo número de pesquisas que utilizam esta ferramenta para os mais diversos fins de planejamento e gestão, entre os quais estão os de atrativos e destinos turísticos (Morales-Fernández; Lanquar, 2014; Avila *et al.*, 2015; García Reinoso; Chilan; Yamil, 2017; Arévalo *et al.*, 2018; García; Quintero, 2018; Pfeiff *et al.*, 2018). Com subsídio nos dados amostrados, a Matriz *SWOT* resulta em um quadro com informações acerca das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças quanto a um negócio de um determinado lugar.

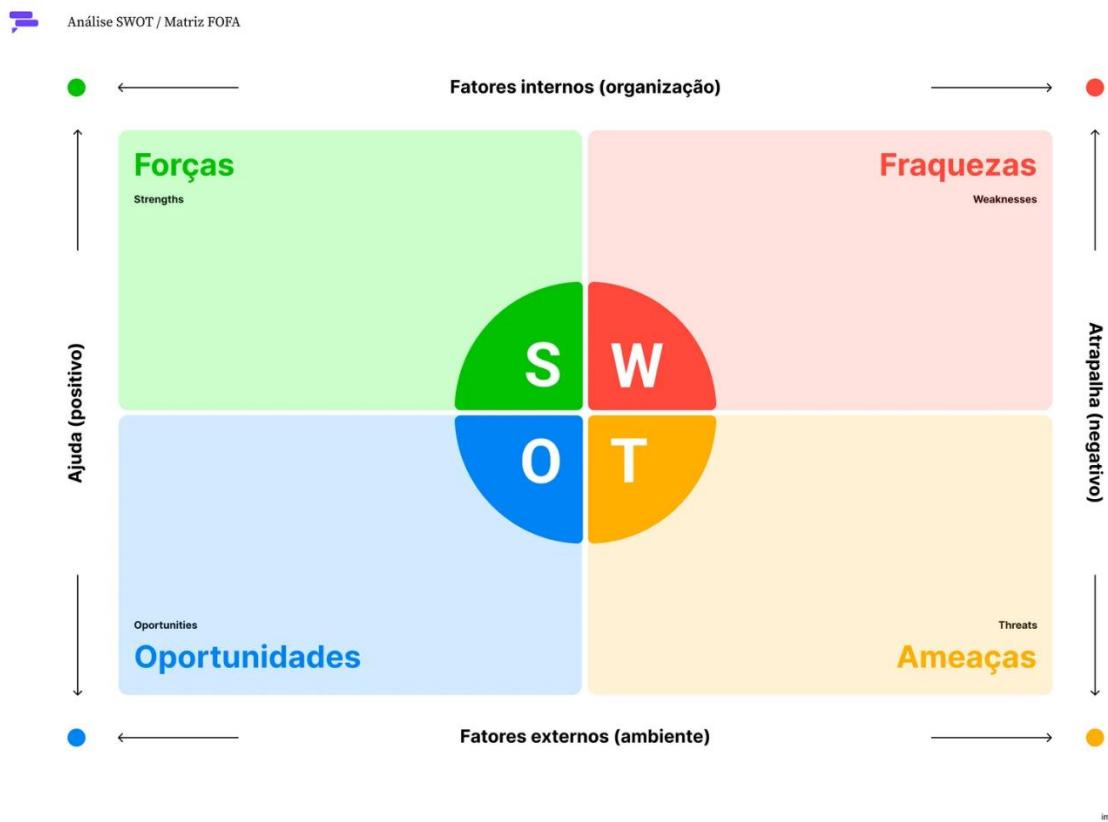


Figura 1. Representação da Matriz SWOT. Fonte: impulsefy, (2023).

O Quadro 1 a seguir elucida um aspecto de questões potenciais a serem consideradas por um empreendimento durante a análise SWOT, evidenciando os aspectos que propiciam identificar os fatores internos, quanto os fatores externos que impactam a empresa.

Quadro 1: Questões Potenciais a considerar em uma Análise SWOT

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • produto de qualidade superior • recursos financeiros abundantes • nome de marca bem conhecido • funcionários qualificados • boa capacidade de operacionalização 	<ul style="list-style-type: none"> • linha de produtos/serviços limitada • falta de orientação estratégica • recursos financeiros limitados • empregados mal treinados • problemas operacionais internos
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • crescimento do mercado • novas descobertas de produtos 	<ul style="list-style-type: none"> • entrada de concorrentes • ciclo de vida do produto em declínio

<ul style="list-style-type: none"> • parcerias com outras empresas • boom econômico 	<ul style="list-style-type: none"> • maior regulamentação governamental • mudanças demográficas • mudança nas necessidades/gostos do consumidor
---	--

Fonte: adaptado de Ferrell, Hartline (2009).

Além disso, é possível identificar e minimizar as fraquezas e usar as forças e as oportunidades para garantir o desenvolvimento sustentável do turismo em determinado local. Com a Matriz *SWOT* é possível minimizar as ameaças encontradas e maximizar as oportunidades do cenário em estudo (Dubrin, 1998). Mediante a adoção da Matriz *SWOT* tem-se uma visão holística de diferentes fatores que podem afetar positiva ou negativamente a tomada de decisão e o planejamento estratégico (Casemiro; Simões; Moraes, 2022).

Percebe-se, assim, que para a implementação do Ecoturismo é fundamental determinar os recursos presentes e desenvolver sua gestão de forma sustentável (Okan *et al.*, 2016). São diversos os recursos naturais que podem ser explorados pelo Ecoturismo, tais como montanhas, cavernas, praias, florestas, ruínas, lagos e também cachoeiras.

As cachoeiras apresentam, no mercado de viagens, grande destaque no Ecoturismo voltado a experiências que implicam o contato com a natureza, especialmente no Brasil. O Ministério do Turismo traz no Plano Nacional de Turismo (2024-2027) o foco para tornar “o turismo como protagonista do desenvolvimento sustentável e inclusivo” (Ministério do Turismo, 2024).

Nesta conjectura, o objetivo desta pesquisa foi fazer o levantamento do potencial do Ecoturismo no município de Quirinópolis com o mapeamento e caracterização das cachoeiras no entorno do perímetro urbano quanto a suas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, mediante o uso da Matriz *SWOT*. Este estudo viabiliza a identificação e fortalecimento da segmentação turística, o que contribui para aumentar a oferta de emprego e geração de renda local, e, consequentemente, a economia de Quirinópolis e região, imbuído dos aspectos de conservação ambiental.

Material e Métodos

Área de estudo

A área de estudo abrange o município de Quirinópolis, situado na Região Geográfica Imediata Quirinópolis, dentro da Bacia do Rio Paranaíba (Figura 1) e inserido na Região Lagos do Paranaíba, conforme o Mapa do Turismo de Goiás (Figura 2). Localizado a aproximadamente 285 km da capital Goiânia, o município de Quirinópolis possui uma extensão territorial de 3.786 km² (2023), dos quais 13,31 km² correspondem à zona urbana. De acordo com o IBGE em 2022 sua população era de 48.447 habitantes, estimada em 49.986 para 2024 e, destes, cerca de 40.900 (84,42%) residiam na área urbana.



Figura 2. Região Geográfica Imediata Quirinópolis. Fonte: IBGE (2017).

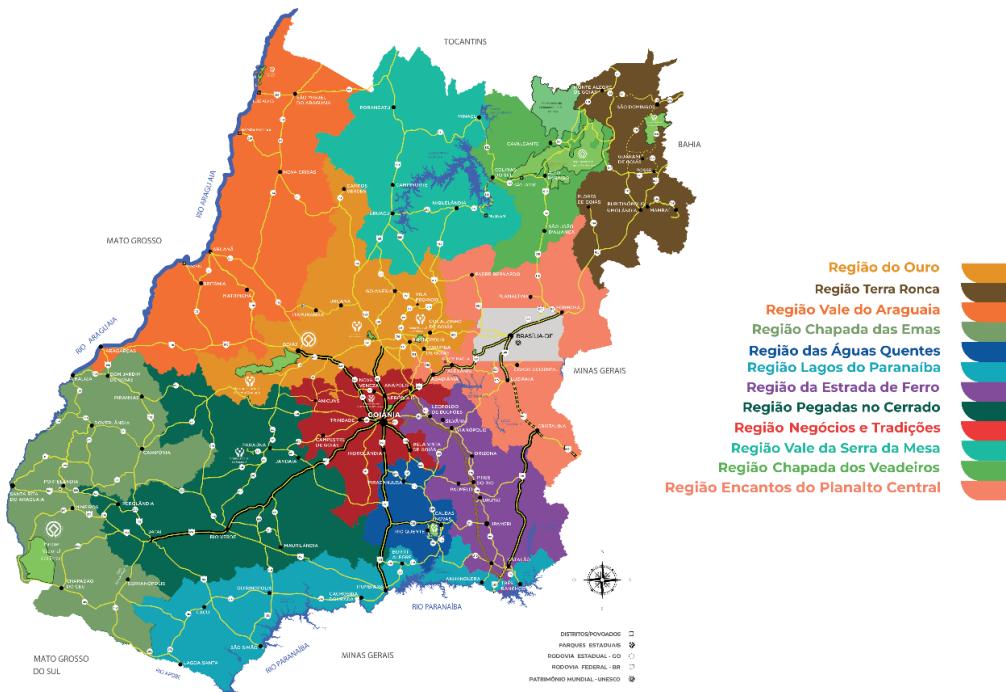


Figura 3. Mapa do Turismo 2024 com as 12 regiões turísticas (Ouro, Chapada dos Veadeiros, Chapada das Emas, Estrada de Ferro, Águas Quentes, Encantos do Planalto Central, Negócios e Tradições, Lagos do Paranaíba, Pegadas no Cerrado, Terra Ronca, Serra da Mesa e Vale do Araguaia). Fonte: Adaptado pelos autores da Agência Estadual de Turismo, Governo de Goiás (2024).

Coleta de dados

A Matriz *SWOT* foi utilizada para analisar o potencial de Ecoturismo em dez cachoeiras no município de Quirinópolis. Para tal, foram realizadas visitas *in loco*, para levantamento das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Paralelamente às visitas aos ambientes das cachoeiras, a Matriz *SWOT* foi construída com subsídio nos seguintes tópicos (adaptado de Casemiro; Simões; Moraes, 2022):

1º) estabeleceu-se o que se pretende com o uso da ferramenta – fazer o levantamento do potencial do Ecoturismo em Quirinópolis;

2º) foram elencadas as questões norteadoras para a identificação dos elementos que compõem a Matriz: “O que leva os turistas a escolher este tipo de local?” e “Quais são os serviços disponíveis para os turistas?»;

3º) estabeleceu-se os limites da análise e a identificação adequada dos aspectos inerentes ao ambiente interno e externo:

4º) estabeleceu-se as fontes de obtenção de dados e os instrumentos utilizados para a coleta destes – os dados foram obtidos a partir de consulta à bibliografia

específica a artigos, documentos oficiais, relatórios, leis, brochuras turísticas, fotos, vídeos, sites, observações de campo (ou seja, visita *in loco* nos locais com potencial de Ecoturismo), entre outros relevantes no âmbito do Ecoturismo em Quirinópolis; e

5º) com base nos dados amostrados, construiu-se o quadro com as informações sobre as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do ecoturismo em Quirinópolis.

Resultados e Discussão

A aplicação da análise SWOT na viabilidade da prática de rapel nos paredões de cachoeira

O planejamento é uma tarefa essencial para as organizações e consiste nos quatro pilares da Administração (desenvolvida por Fayol na Teoria Clássica em 1916²), que são: planejar, organizar, dirigir e controlar. A pesquisa se pautou pela roteirização dos pontos turísticos, viabilizando o conhecimento, formas de acesso, possibilidade de atividades de lazer e aventura. Foram levantados as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças ao Ecoturismo para o município (Quadro 2).

Segundo Casemiro, Simões e Moraes (2022, p. 111) “há na gestão e no planejamento em ecoturismo um bom espaço para a utilização da Matriz SWOT como um instrumento de suporte ao processo de tomada de decisão”.

Para isso, usou-se a Matriz SWOT (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) em dois vieses: o primeiro, como orientações estratégicas, identificando as potencialidades exuberantes naturais e paisagísticas do município, e, o segundo, a aplicação da Matriz em cada ponto turístico, identificando os pontos essenciais de viabilidade e possibilidades de torná-lo viável para visitação (Quadro 2). Esses dados permitem identificar os principais fatores que influenciam o desenvolvimento turístico local. A análise dessas variáveis é essencial para a formulação de estratégias que promovam um turismo sustentável e estruturado. O estudo revelou um cenário multifacetado, com forças e oportunidades promissoras, mas também com desafios e ameaças que exigem atenção.

² Estudo desenvolvido por Jules Henri Fayol (1841-1925), publicado na obra *Administration Industrielle et Générale* (Administração Industrial Geral), publicada em 1916.

Quadro 2: Análise SWOT (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) para o Ecoturismo em Quirinópolis, Goiás, Brasil

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • Turismo de Aventura • Viabilidade para o Ecoturismo • Presença de belas cachoeiras no entorno do perímetro urbano • Potencial fóssil • Alta biodiversidade, em especial espécies da flora endêmicas de Quirinópolis • Áreas propícias para trilhas • Investimentos em novos negócios • Gastronomia peculiar (terra da Chica Doida) • Rampa de Voo livre • Cicloturismo • Paratrike (modalidade de aventura similar ao paramotor- equipamento de voo com motorização auxiliar, composto por uma asa denominada parapente, que não contém elementos rígidos em sua estrutura e cujo comando se realiza por meio de controle aerodinâmico) 	<ul style="list-style-type: none"> • Conflitos de interesses (proprietários não se sentirem bem com o fluxo de visitantes nas propriedades; alta exploração comercial e/ou ausência de políticas públicas de incentivo) • Carência de mão de obra especializada em turismo na prestação de um atendimento aos visitantes com qualidade, ou seja, de forma receptiva, educada, acolhedora e com domínio de outros idiomas • Baixas qualidade e quantidade de hotéis • Informações consolidadas sobre pontos turísticos inexistentes • Ausência de placas de sinalizações que orientam e direcionam o turismo no município • Falta de um CAT (Centro de Atendimento ao Turista) • Ausência de empresas de turismo receptivo • Degradação ambiental intensa no pouco que resta dos ecossistemas naturais no município • Ausência de valoração do artesanato, talentos e peculiaridades da cultura local • Ausência de sensibilização dos proprietários rurais quanto à

	<p>importância do Ecoturismo e da conservação ambiental</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de ações de Educação para a Sustentabilidade para a promoção e fortalecimento do Ecoturismo
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Fomento da Economia local • Potencial de crescimento • Valorização das propriedades rurais • Ampliação da Rede Hoteleira • Aumento da valoração cultural com subsídio para o artesanato, gastronomia, dentre outros componentes da cultura local 	<ul style="list-style-type: none"> • Informalidade empresarial (operadores atuando sem constituição de empresa segmentada para a atividade) • Desmatamento e agropecuária intensiva • Poluição sonora e ambiental • Ausência de apoio e incentivo por parte dos gestores públicos • Carência de consciência ambiental em prol da conservação dos ecossistemas naturais de Quirinópolis • Troca de gestores municipais e desinteresse em dar sequência aos projetos turísticos

Fonte: autores (2025).

Forças: Alicerces para o Desenvolvimento Turístico

As forças são constituídas de recursos e habilidades que uma organização possui, possibilitando minimizar as ameaças e dando estrutura para explorar novas oportunidades em seu segmento (Matos, Matos, Almeida, 2007). São consideradas “características da empresa ou suas competências [...] que lhe conferem vantagem competitiva no atendimento às necessidades do mercado” (Romani-Dias, Silva, Barbosa, 2022, p. 24).

As forças identificadas representam os alicerces sobre os quais o turismo em Quirinópolis pode se desenvolver de forma sustentável. A presença de um forte apelo

ao turismo de aventura e ao Ecoturismo, impulsionado por áreas propícias para trilhas e pela prática de rapel, configura um diferencial competitivo significativo. Além disso, o crescente investimento em novos negócios, a rica gastronomia local (com destaque para a "Terra da Chica Doida") e a presença de infraestrutura para esportes aéreos, como rampa de voo livre e paratrike, ampliam o leque de atrativos turísticos. O cicloturismo, em ascensão, complementa a oferta de atividades ao ar livre.

Fraquezas: Desafios a Serem Superados

No que tange as fraquezas de um negócio, evidencia as deficiências que uma organização possui para a operação de suas atividades, sendo primordial sua identificação e correção, evitando desafios na operação de suas atividades ou até mesmo a falência (Matos, Matos, Almeida, 2007). São consideradas “limitações internas que dificultam o desenvolvimento ou a implementação da estratégia” (Romani-Dias, Silva, Barbosa, 2022, p. 24).

As fraquezas identificadas representam os desafios que precisam ser superados para que o potencial turístico de Quirinópolis seja plenamente realizado. A existência de conflitos de interesses entre os diversos atores envolvidos no setor turístico pode gerar entraves ao desenvolvimento integrado e sustentável. A carência de mão de obra especializada, a limitada quantidade de hotéis e a inexistência de informações consolidadas sobre os pontos turísticos configuram obstáculos à estruturação de uma oferta turística de qualidade. A falta de placas de sinalização adequadas compromete a experiência do visitante e dificulta o acesso aos atrativos.

A falta de acessibilidade nos respectivos ambientes representa uma fraqueza significativa no desenvolvimento do ecoturismo, especialmente em municípios que possuem potencial natural como Quirinópolis. Uma acessibilidade ideal carece de infraestrutura adequada. O acesso limitado a esses atrativos naturais pode ser resultado da ausência de trilhas adaptadas, sinalização ineficaz, dificuldades na mobilidade para pessoas com deficiência ou baixa manutenção das vias de acesso, comprometendo a experiência turística e restringindo a inclusão social.

Segundo Pita (2009, p. 159) “o turismo acessível existe quando as formas de transporte, destinos e serviços que são oferecidos estão disponíveis e podem ser utilizados por todos os visitantes”. Portanto, a implementação de medidas voltadas à acessibilidade, como trilhas ecológicas adaptadas, passarelas suspensas e

mecanismos de apoio para pessoas com mobilidade reduzida, é essencial para tornar o ecoturismo mais inclusivo, possibilitando a participação de todos os visitantes.

Oportunidades: Janelas para o Crescimento Sustentável

As oportunidades são consideradas como fatores externos à empresa, variáveis que a organização não pode controlar, todavia que podem criar condições favoráveis para a ampliação do negócio e/ou maximizar seus resultados (Rezende, 2008; Romani-Dias, Silva, Barbosa, 2022).

As oportunidades identificadas representam as janelas de crescimento que se abrem para o turismo em Quirinópolis. O fomento da economia local, impulsionado pelo turismo, pode gerar um ciclo virtuoso de desenvolvimento, com a criação de empregos e o aumento da renda. O potencial de crescimento do setor turístico é evidente, dada a riqueza natural e cultural da região. A valorização das propriedades locais, como resultado do desenvolvimento turístico, pode incentivar investimentos e aprimorar a infraestrutura. A ampliação da rede hoteleira, em resposta à crescente demanda, é fundamental para consolidar Quirinópolis como destino turístico.

Ameaças: Riscos a Serem Mitigados

Identificadas como fatores externos ao poder de controle da empresa, as ameaças são fatores que impactam diretamente no desenvolvimento e perca de posicionamento, podendo estar ligadas aos concorrentes ou novos cenários econômicos, criando condições desfavoráveis que eventualmente podem vir a atrapalhar (Martins, 2007; Romani-Dias, Silva, Barbosa, 2022).

As ameaças identificadas representam os riscos que podem comprometer o desenvolvimento turístico de Quirinópolis. A informalidade empresarial, presente em diversos setores da economia, pode gerar concorrência desleal e prejudicar a qualidade dos serviços turísticos. O desmatamento e as plantações em áreas de interesse turístico representam uma ameaça à preservação ambiental e à paisagem natural, que são os principais atrativos da região.

A análise *SWOT* realizada neste estudo fornece um panorama abrangente do potencial de ecoturismo em Quirinópolis. A partir da identificação das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, é possível elaborar estratégias eficazes para o desenvolvimento de um turismo sustentável, que gere benefícios econômicos, sociais e ambientais para a comunidade local.

Para Medeiros, Nascimento e Perinotto (2017, p. 101) “a Matriz de Avaliação Estratégica, em forma de Análise *SWOT*, constituiu, portanto, uma análise da situação geral dos geossítios [...] prática geoturística”, fortalecendo a importância da análise *SWOT* para identificação dos pontos fortes e fracos na avaliação de potencial turístico em uma região propicia para visitações.

Diante desse panorama, torna-se essencial a formulação de políticas e estratégias que promovam a estruturação do turismo de forma planejada e sustentável. A atuação conjunta entre poder público, iniciativa privada e comunidade local é fundamental para mitigar as fragilidades identificadas e potencializar as vantagens competitivas do município, garantindo um turismo de qualidade e com impactos positivos para a região.

Critérios de aplicação da Análise *SWOT* na viabilidade de um ponto turístico

A aplicação da Análise *SWOT* na avaliação da viabilidade de um ponto turístico se baseia na identificação e ponderação de fatores internos e externos que podem influenciar seu sucesso. Os critérios para essa aplicação podem ser observados no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3: Critérios de aplicação da Análise SWOT na viabilidade de um ponto turístico

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> Facilidade de chegada ao ponto de acesso à atração turística Trilhas curtas Boa pavimentação das vias de acesso ao local 	<ul style="list-style-type: none"> Turismo pouco explorado/conhecido Infraestrutura (dificuldade de acesso/acessibilidade ruim ou ausente) Sinalização orientadora das rotas de chegada Investimento de empresas do setor turístico Ausência de capacitação para o trade
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> Realização de Rapel Realização de Trilha Realização de Banho Realização de Camping Geração de mão de obra qualificada Elaboração de Roteiros Locais Construção de infraestrutura de viabilização/acesso Criação de cursos/capacitações para o trade 	<ul style="list-style-type: none"> Degradações (em virtude de plantações nas proximidades) Sazonalidade (algumas cachoeiras reduzem o fluxo de água ou cessam) Falta de mão-de-obra qualificada Falta de um estudo da capacidade de demanda (hotéis/atrativos)

Fonte: autores (2025).

É oportuno observar que a falta do indicador de Forças, o mesmo se caracteriza como Fraqueza, entretanto, este se faz uma Oportunidade para o fomento local, seja por incentivo público ou privado. Da mesma forma, a falta de manutenção e/ou investimentos, corrobora para caracterização de uma ameaça.

A seguir está exposta a Matriz de Avaliação, em forma de Análise *SWOT* das cachoeiras deste estudo, quanto aos fatores internos (localidade) representadas pelas forças e fraquezas, e, fatores externos (para fomentar a viabilização de visitação) representadas pelas oportunidades e ameaças.

Quadro 4. Cachoeiras com potencial para o Ecoturismo em Quirinópolis, Goiás, Brasil.

Nº	Nome	Latitude	Longitude	Distância da área urbana (km)
1	Cachoeira da Sucuri	18° 20' 31.176" S	50° 29' 29.368" W	21
2	Cachoeira Serra das Antenas	18° 20' 27.390" S	50° 29' 34.777" W	19
3	Cachoeira da Lacoste	18° 20' 41.859" S	50° 30' 53.310" W	21
4	Cachoeira do Encontro 1	18° 15' 4.829" S	50° 48' 35.054" W	54
5	Cachoeira do Encontro 2	18° 15' 4.617" S	50° 48' 34.501" W	54
6	Cachoeira do Salgado	18° 15' 11.469" S	50° 48' 43.136" W	54
7	Cachoeira da Gruta	18° 15' 13.443" S	50° 48' 45.043" W	54
8	Cachoeira do Jacaré	18° 41' 33.219" S	50° 27' 54.059" W	31,5
9	Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada)	18° 25' 48.911" S	50° 21' 26.237" W	10
10	Cachoeira do Marimbondo	18° 17' 32.875" S	50° 35' 2.479" W	32,7

Fonte: Os Autores (2024)

Quadro 5: Análise *SWOT* das Cachoeiras em Quirinópolis, Goiás, Brasil.

Forças	Cachoeiras
Facilidade de chegada ao ponto de acesso à atração turística	Todas
Trilhas curtas (menos de 3km)	Todas
Boa pavimentação das vias de acesso ao local	Cachoeira da Sucuri Cachoeira Serra das Antenas Cachoeira da Lacoste Cachoeira do Jacaré Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada)
Fraquezas	Cachoeiras
Turismo pouco explorado/conhecido	Cachoeira da Sucuri Cachoeira Serra das Antenas Cachoeira da Lacoste

	Cachoeira do Encontro 1 Cachoeira do Encontro 2 Cachoeira do Salgado Cachoeira da Gruta Cachoeira do Marimbondo
Infraestrutura (dificuldade de acesso/acessibilidade ruim ou ausente)	Cachoeira da Sucuri Cachoeira da Lacoste Cachoeira do Encontro 1 Cachoeira do Encontro 2 Cachoeira do Marimbondo
Sinalização orientadora das rotas de chegada	Todas
Investimento de empresas do setor turístico	Todas
Ausência de capacitação para o trade	Todas
Oportunidades	
Realização de Rapel	Cachoeira da Sucuri Cachoeira Serra das Antenas Cachoeira da Lacoste Cachoeira do Encontro 1 Cachoeira do Encontro 2 Cachoeira do Salgado Cachoeira da Gruta Cachoeira do Jacaré Cachoeira do Marimbondo
Realização de Trilha	Todas
Realização de Banho	Cachoeira da Sucuri Cachoeira Serra das Antenas Cachoeira do Encontro 1 Cachoeira do Encontro 2 Cachoeira do Salgado Cachoeira da Gruta Cachoeira do Jacaré Cachoeira do São Francisco (Ponte Quebrada)
Realização de Camping	Todas
Geração de mão de obra qualificada	Todas
Elaboração de Roteiros Locais	Todas

Construção de infraestrutura de viabilização/acesso	Todas
Criação de cursos/capacitações para o trade	Todas
Ameaças	Cachoeiras
Degradações (em virtude de plantações nas proximidades)	Cachoeira da Sucuri Cachoeira Serra das Antenas Cachoeira da Lacoste Cachoeira do Marimbondo
Sazonalidade (algumas cachoeiras reduzem o fluxo de água ou cessam)	Sem histórico
Falta de mão-de-obra qualificada	Todas
Falta de um estudo da capacidade de demanda (hotéis/atrativos)	Todas

Fonte: autores (2025).

Neste sentido, pode-se inferir que existe um potencial turístico ainda pouco explorado, que carece de estudos e promoção de uma estrutura para atrair novos visitantes para as áreas acima apresentadas, sendo um potencial para mais mão-de-obra especializada e aumento na possibilidade da economia local.

Quanto a qualificação profissional, tem-se registros divulgados pelo Grupo de Rapel do município, o Elite Rapel, de apenas um curso realizado pelo SEBRAE em parceria com a Prefeitura Municipal no ano de 2021, com a operacionalização da ABNT ISO 21102 (Turismo de aventura – Líderes – Competência de pessoal) / 15502 (Turismo de aventura – Técnicas verticais – Procedimentos) / 21101 (Turismo de aventura – Sistemas de gestão da segurança – Requisitos).

Considerações Finais

No estudo empreendido, salienta-se que a Matriz *SWOT* pode ser utilizada em diferentes objetivos estratégicos, corroborando em diferentes escalas no ecoturismo, da identificação ao planejamento de diversas atividades possíveis de desenvolvimento nos espaços de visitação.

Segundo Melo (2011, p. 175) um bom planejamento possibilita que “a atividade turística tende a se tornar cada vez mais forte e estruturada frente ao mercado promissor e capaz de não só gerar divisas, mas inter-relações entre comunidades autóctones e visitantes”, evidenciando a importância de planejar e analisar o contexto e cenário local para identificar e mapear ações a serem desenvolvidas. Entretanto, Casemiro, Simões e Moraes (2022, p. 112) salientam que ainda “faltam pesquisas destinadas aos benefícios e ganhos identificados pelo uso da ferramenta”.

Para alcançar melhores níveis da potencialidade dos recursos turísticos de um município far-se-á a necessidade de incentivo a novas pesquisas (pouco fomentadas pelas políticas públicas locais) para construção do inventário turístico do município e identificação da viabilidade de fomentos em novas oportunidades de negócios locais.

Neste viés, a par do contexto identificado com a Análise *SWOT*, é possível conduzir a formação de estratégias e propor ações para evidenciar e dar continuidade aos aspectos identificados, de forma a manter e/ou buscar melhorias (Casemiro, Simões, Moraes, 2022).

Sob este prisma, entende-se que o ecoturismo no município de Quirinópolis ainda jovem é pujante, com potencial de exploração e enviesamento para operações do *trade*. Partindo desses princípios supracitados, é evidente a necessidade de ações por meio dos gestores públicos, empresariado e proprietários para com:

- Elaboração de um plano de manejo das áreas estudadas;
- Estudo da capacidade de receptividade;
- Incentivo da comunidade local;
- Promoção de incentivos para infraestrutura local;
- Desenvolvimento de ações/projetos de educação para a sustentabilidade aos operadores e escolas;
- Criar um plano de monitoramento dos impactos da visitação;

- Promover parcerias com entidades governamentais, de ensino, sociedade cível e a iniciativa privada na promoção de cursos e palestras;
- Estruturar uma central de atendimento ao turista - CAT.

Torna-se possível concluir que o incentivo a novas pesquisas, estudos dos ambientes (pontos turísticos), planejamento e análise de viabilidade, a atividade turística do município tende a se fortalecer cada vez mais com uma estrutura robusta e promissora para chamar a atenção de turísticas para esse nicho de segmento, elevando a potencialidade de recursos para o município e propriedades detentoras dos pontos de visitação e operação das atividades.

Agradecimentos

À CAPES pela bolsa de mestrado. Ao PPGAS-UEG pelo viés técnico/científico no desenvolvimento da pesquisa. À Prefeitura de Quirinópolis (Termo de Cooperação nº 08/2022, Processo SEI N. 202200020002041, publicado no Diário Oficial/GO nº 23.892, de 30 de setembro de 2022, Ano 186, p. 113), por propiciar o apoio inicial na infraestrutura, equipamentos e recursos necessários à execução dessas atividades técnicas. Ao Elite Rapel pelo auxílio nas atividades de acesso as Cachoeiras.

REFERÊNCIAS

- Agência Estadual de Turismo. Governo de Goiás. Disponível em:
<https://goias.gov.br/turismo/novo-mapa-do-turismo-de-goiás-passa-a-contar-com-86-municípios/>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- CASEMIRO, Ítalo de P.; SIMÕES, B. F. T.; MORAES, C. M. dos S. Análise da aplicabilidade da Matriz SWOT na gestão e planejamento em Ecoturismo: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR)**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2022. DOI: 10.34024/rbécotur.2022.v15.12603. Disponível em:
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/12603>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- DUBRIN, A.J. **Princípios de administração**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.
- FERRELL, O. C.; HERTLINE, Michael D. **Estratégia de Marketing**. Tradução All Tasks e Marlene Cohen. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

GARCÍA REINOSO, N.; CHILAN, D.; YAMIL, N. El producto turístico comunitário como estrategia para diversificar las economías locales del cantón Bolívar, província de Manabí, Ecuador. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 13, n. 1, p. 105-116, 2017.

GARCÍA, N.; QUINTERO, Y. Producto de sol y playa para el desarrollo turístico del Municipio Trinidad de Cuba. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 14, n. 1, p. 52-64, 2018.

GORANCZEWSKI, Bolesław; PUCIATO, Daniel. SWOT analysis in the formulation of tourism development strategies for destinations. **Turyzm/Tourism**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 45–53, 2011. DOI: 10.2478/v10106-010-0008-7. Disponível em: <https://czasopisma.uni.lodz.pl/tourism/article/view/7579>. Acesso em: 10 jan. 2023.

HUMPHREY, Albert S. SWOT Analysis for Management Consulting. **SRI Alumni Association Newsletter**, December 2005. Disponível em: <https://alumni.sri.com/newsletters/2005/AlumNews-Dec-2005.pdf>. Acesso em: 8 fe. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados do Brasil. Quirinópolis, GO: IBGE, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões Geográficas Imediatas, 2017. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/52_e_53_regioes_geograficas_goias_e_distrito_federal.pdf. Acesso em: 06 jan. 2025.

IBRET, B.U.; AYDINOZU, D.; BASTEMUR, C. A geographic study on the effects of coastal tourism on sustainable development: coastal tourism in Cide. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 20, n. 2, p. 134-141, 2013.

MARANHÃO, C.H.S.; AZEVEDO, F.F. A Representatividade do Ecoturismo para a gestão pública do turismo no Brasil: uma análise do Plano Nacional de Turismo 2018-2022. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 09-35, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6714/4278>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MARTINS, Marcos Amâncio P. **Gestão Educacional**: planejamento estratégico e marketing. 1. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

MATOS, José Gilvomar R.; MATOS, Rosa Maria B.; ALMEIDA, Josimar Ribeiro de. **Análise do Ambiente Corporativo**: do caos organizado ao planejamento. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

MEDEIROS, Janaina Luciana de; NASCIMENTO, Marcos Antonio Leite do; PERINOTTO, André Riani Costa. Análise SWOT e turismo: uma avaliação estratégica no projeto Geoparque Seridó/RN. **Ciência e Sustentabilidade – CeS**, Juazeiro do Norte, v. 3, n. 1, p.94-123, jan/jun 2017. Disponível em: <http://geoparqueserido.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Medeiros-et-al-2017-Analise-SWOT-e-Turismo-Uma-Avaliacao-Estrategica-no-Projeto-Geoparque-Serido.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2025.

MELO, N.R. de. A aplicação da análise SWOT no planejamento turístico de uma localidade: o caso de Araxá, MG. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2., p.164-176, ago. 2011.

Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2024-2027**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/planos/plano-nacional-do-turismo>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MORALES-FERNÁNDEZ, E.J.; LANQUAR, R. El futuro turístico de una ciudad Patrimonio de la Humanidad: Córdoba 2031. **Tourism & Management Studies**, v. 10, n. 2, p. 07-16, 2014.

NEGA, D. Management Issues and the Values of Safeguarding the Intangible Cultural Heritage for Cultural Tourism Development: The Case of Ashendye Festival, Lalibela, Ethiopia. **Management**, v. 38, 2018.

OKAN, T. et al. Assessing ecotourism potential of traditional wooden architecture in rural areas: The case of Papart Valley. **Sustainability**, v. 8, n. 10, p. 974, 2016. DOI: <https://doi.org/10.3390/su8100974>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/8/10/974>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PFEIFF, G.K. et al. Turismo y Desarrollo Local Sustentable: Factores limitantes y potencialidades de la playa de Ajuruteua en el Estado de Pará, Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 27, n. 3, p. 716-736, 2018.

PITA, M., P., S. Una aproximación a la accesibilidad turística: por um turismo para todos. **ROTUR – Revista de Ocio y Turismo**, Coruña, 2(1), 157-173, 2009. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/rotur/article/view/rotur.2009.2.1.1239>. Acesso em: 19 mar. 2025.

RANGEL, L.A.; SINAY, L. Ecoturismo como ferramenta para criação de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 12, n. 4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6711>. Acesso em: 03 mar. 2025.

REZENDE, Denis Alcides. **Planejamento Estratégico para Organizações**: públicas e privadas. 1. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2008.

ROMANI-DIAS, Marcello; SILVA, Caio Sousa da; BARBOSA, Aline dos Santos. **Estratégias empresarial**: as etapas do processo estratégico e o uso de ferramentas clássicas. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2022.

SILVA, C. G. Impactos de programas nacionais de turismo sobre as instituições e organizações turísticas em municípios do Pará (Brasil). In: **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 10, n. 3, p. 1-19, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/53499>. Acesso em: 03 mar. 2025.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras [...]. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 10, p. 44-64, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbtur/v10n1/1982-6125-rbtur-10-1-44.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Capítulo IV

RAPEL EM PAREDÕES DE CACHOEIRA EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL: HISTÓRICO E METODOLOGIA PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA

RAPPELLING ON WATERFALL WALLS IN QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRAZIL: HISTORY AND METHODOLOGY FOR CARRYING OUT THE SPORT PRACTICE

RESUMO

Este estudo relata a prática do rapel no município de Quirinópolis, Goiás, Brasil. A pesquisa aborda o histórico da atividade na região, a metodologia utilizada para garantir a segurança dos praticantes, os equipamentos e vestimentas necessários, o condicionamento físico e mental exigido, a inclusão e acessibilidade ao local, a educação para a sustentabilidade ambiental e um relato da experiência na técnica de descida. A coleta de dados incluiu a localização das principais cachoeiras utilizadas para o rapel, a logística de operacionalização da atividade com instrutores e praticantes. Os resultados destacam a importância da segurança e do profissionalismo na prática do rapel, o potencial da atividade como ferramenta de desenvolvimento pessoal e conexão com a natureza, e a relevância do turismo de aventura para o desenvolvimento econômico e social da região. O estudo conclui com a necessidade de pesquisas futuras sobre os impactos do rapel e sua aplicação em diferentes contextos.

Palavras-chave: Cachoeirismo. Ecoturismo. Segurança. Turismo de Aventura.

ABSTRACT

This study reports on the practice of rappelling in the municipality of Quirinópolis, Goiás, Brazil. The research addresses the history of the activity in the region, the methodology used to ensure the safety of practitioners, the necessary equipment and clothing, the physical and mental conditioning required, inclusion and accessibility to the site, education for environmental sustainability, and a report on the experience in the descent technique. Data collection included the location of the main waterfalls used for rappelling, the logistics of operationalizing the activity with instructors and practitioners. The results highlight the importance of safety and professionalism in the practice of

rappelling, the potential of the activity as a tool for personal development and connection with nature, and the relevance of adventure tourism for the economic and social development of the region. The study concludes with the need for future research on the impacts of rappelling and its application in different contexts.

Keywords: Waterfalling. Ecotourism. Safety. Adventure Tourism.

Introdução

O esporte de aventura em termos gerais é considerado por um alto nível de adrenalina e riscos, evidente se não observar os fatores de segurança para sua prática. Nesta proposta, apresenta-se um histórico de realização da prática do Rapel no município de Quirinópolis, Goiás, bem como a metodologia para garantir a segurança do participante na realização da atividade.

O praticante tem a concepção de risco associada a modalidade de esporte de aventura (Slovic, 1990), afinal, a definição de risco por ser oriunda da resistência a uma ameaça (Beck, 1993), perigos associados a humanidade (Ascroft, 2001), sendo um elemento fundamental a ser previsto, colocando-o em estado de alerta e diante de situações-limite (Almeida, 2008), entretanto sendo um ambiente calculado e controlado (Le Breton, 2012), assim, o risco é um fator norteador nas emoções da perspectiva pela busca do lazer e da competição (Paixão *et al.*, 2011), sendo prevalecido a importância de “prevenção dos fatores de risco, essencialmente associados à dimensão dos materiais e à dimensão humana (Torres *et al.*, 2023, p. 13).

O rapel tem seu histórico (invenção) atribuída a Jean-Charlet Straton, guia da cidade de Chamonix (França), que utilizou-se da técnica para sair do Les Dru (montanha formada por dois cumes situados no Maciço do Monte Branco, na Alta Saboia da região Ródano-Alpes, França) em 1879.

Figura 1: Exemplo de como o rapel começou (corda entrelaçada entre o corpo do próprio praticante).



Fonte: Innova Safety (2021)

Com o avanço da tecnologia e desenvolvimento de novas técnicas, a prática do rapel passou a receber modelos específicos de cordas, bem como equipamento de segurança para a operacionalização da atividade.

O município de Quirinópolis não tem um histórico de registro que evidencia a prática do turismo de aventura (rapel), em pesquisa realizada no Instagram de um grupo local (Elite Rapel) a primeira postagem data de 30 de janeiro de 2019.

No site Bora pra Goiás, da Goiás Turismo, Quirinópolis é apresentada como:

Quirinópolis é cercada por uma bela paisagem natural, com montanhas, rios e **cachoeiras** que oferecem aventuras incríveis para os visitantes. A cidade é o lar do Parque Ecológico e da Reserva Biológica, onde você pode caminhar pelas trilhas, observar a fauna e a flora local. A cidade é conhecida pela criação da Chica Doida, uma iguaria deliciosa que se tornou patrimônio cultural e imaterial goiano, inclusive ficou tão popular que ganhou um festival gastronômico com várias edições realizadas pela prefeitura da cidade.

A cidade conta com vários **atrativos naturais**, como a Fazenda Serra Azul, o Lago Azul, o Lago Parque da Liberdade, o Lago Sol Poente, **além de possuir várias cachoeiras**, ranchos, trilhas e uma reserva ecológica. Os atrativos culturais, contam com vários eventos, como o Festival Gastronômico com a comida típica do município - a Chica Doida, o Museu Histórico de Quirinópolis, o Teatro Municipal, Folia de Reis, Festa da Padroeira da cidade, entre outros. (Goiás Turismo, s/a, grifos do autor).

Para Tahara e Filho (2012) os indivíduos que buscam modalidades de aventura anseiam por experiências mais espontâneas e significativas, como uma forma de

escape da rotina estressante e do caos urbano. Dentre essas experiências, o rapel, em seus diferentes graus de dificuldade na abordagem da descida, pode possibilitar variações, aliadas ao tipo de “parede” e “não parede” (Xavier *et al.*, 2012, p. 1).

Segundo Torres *et al.*, (2023, p. 12), os profissionais (instrutores) salientam que “o conhecimento e manuseamento do equipamento é um fator importante para o sucesso da atividade”.

Outro fator primordial está em “atribuir maior importância aos aspectos do meio ambiente do que os praticantes, o que pode estar relacionado com percepções diferentes sobre os pontos críticos para o desenvolvimento de uma atividade” (Torres *et al.*, 2023, p. 12).

Metodologia

Área de estudo

A área de estudo abrange o município de Quirinópolis, situado na Região Geográfica Imediata, dentro da Bacia do Rio Paranaíba (Figura 1) e inserido na Região Lagos do Paranaíba, conforme o Mapa do Turismo de Goiás (Figura 2). Localizado a aproximadamente 285 km da capital Goiânia.



Figura 1. Regiões Geográficas Imediatas. Fonte: IBGE (2017).

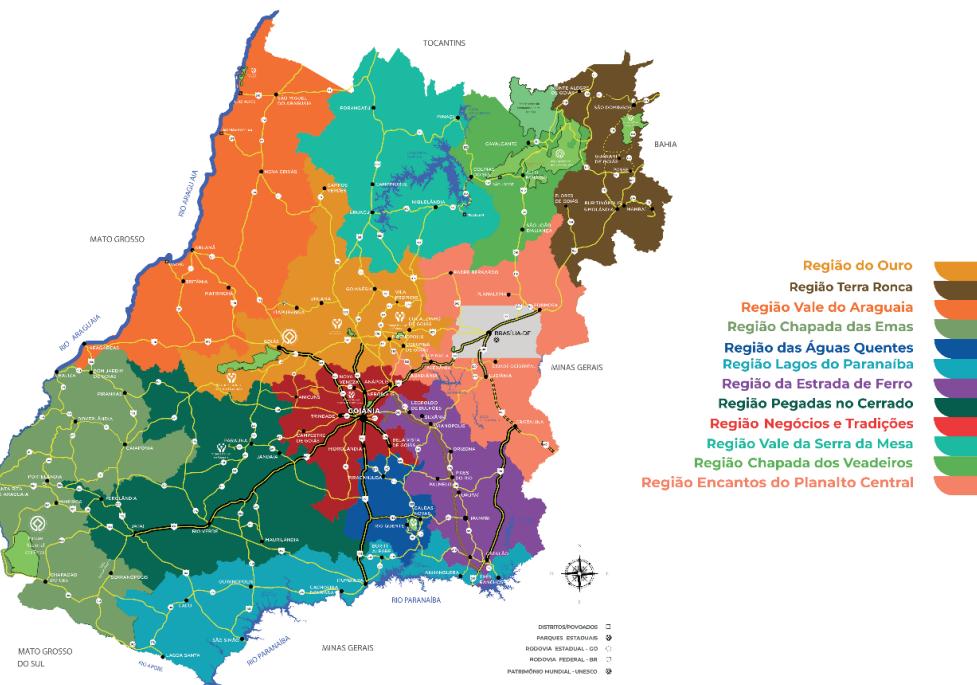


Figura 2. Mapa do Turismo 2024 com as 12 regiões turísticas (Ouro, Chapada dos Veadeiros, Chapada das Emas, Estrada de Ferro, Águas Quentes, Encantos do Planalto Central, Negócios e Tradições, Lagos do Paranaíba, Pegadas no Cerrado, Terra Ronca, Serra da Mesa e Vale do Araguaia). Fonte: Adaptado pelos autores da Agência Estadual de Turismo, Governo de Goiás (2024).

Coleta de dados

A coleta de dados para este estudo foi realizada em sete cachoeiras localizadas no município de Quirinópolis, Goiás. A seleção das cachoeiras baseou-se em sua relevância para a prática do rapel na região, conforme identificado nos capítulos anteriores e informações turísticas.

Os dados coletados foram organizados em um quadro (Quadro 1), apresentando o número de identificação da cachoeira, nome, coordenadas geográficas e distância da área urbana.

A coleta de dados sobre a logística de operacionalização da prática de rapel, frequência da atividade, equipamentos e segurança, vestimenta, condicionamento físico e mental, inclusão e acessibilidade, e educação para a sustentabilidade ambiental foi realizada no formato de relato de experiência.

Principais cachoeiras utilizadas na prática do rapel em Quirinópolis, Goiás

No município de estudo, tem-se registrado as principais cachoeiras para a realização da prática do rapel, distantes entre 19km e 54km do perímetro urbano, sendo três na Serra da Confusão do Rio Preto (Cachoeira da Sucuri; Cachoeira Serra das Antenas; Cachoeira da Lacoste) e quatro da região do Salgado (Cachoeira do Encontro 1 e 2; Cachoeira do Salgado; Cachoeira da Gruta), essas, parte do mesmo curso d'água.

Quadro 1. Dados de localização das principais cachoeiras utilizadas para prática de rapel em Quirinópolis, Goiás, Brasil.

Nº	Nome	Latitude	Longitude	Distância da área urbana (km)
1	Cachoeira da Sucuri	18° 20' 31.176" S	50° 29' 29.368" W	21
2	Cachoeira Serra das Antenas	18° 20' 27.390" S	50° 29' 34.777" W	19
3	Cachoeira da Lacoste	18° 20' 41.859" S	50° 30' 53.310" W	21
4	Cachoeira do Encontro 1	18° 15' 4.829" S	50° 48' 35.054" W	54
5	Cachoeira do Encontro 2	18° 15' 4.617" S	50° 48' 34.501" W	54
6	Cachoeira do Salgado	18° 15' 11.469" S	50° 48' 43.136" W	54
7	Cachoeira da Gruta	18° 15' 13.443" S	50° 48' 45.043" W	54

Fonte: Os Autores (2025).

Logística de operacionalização da prática de rapel

O rapel é comum com a prática de um dia, tendo o deslocamento da área urbana no período da manhã e retorno no fim da tarde, entretanto, lugares com distância maior é comum a realização em dois ou mais dias, complementado com a atividade de *Camping*, sendo feita por meio de barracas instaladas próximo do ambiente de realização da atividade.

Frequência da atividade de rapel

Em Quirinópolis as atividades tendem a acontecer aos finais de semana, sendo de um a dois encontros no mês, por uma equipe local que opera a atividade, o Elite Rapel, e eventualmente com a presença de grupos das cidades vizinhas (Rio Verde e Itumbiara).

Equipamentos e Segurança

O Rapel é considerado um esporte de aventura, envolvendo a necessidade de compreensão e conhecimentos de normas técnicas da ABNT NBR, dentre elas:

- **ABNT NBR ISO 20611** – Turismo de aventura – Boas práticas de sustentabilidade – Requisitos e recomendações
- **ABNT NBR ISO 21101** – Turismo de aventura – Sistemas de gestão da segurança – Requisitos
- **ABNT NBR ISO 21103** – Turismo de aventura – Informações para participantes
- **ABNT NBR 15400** – Turismo de aventura – Líderes de canionismo e cachoeirismo – Competência de pessoal
- **ABNT NBR 15501** – Turismo de aventura – Técnicas verticais – Requisitos para produto
- **ABNT NBR 15502** – Turismo de aventura – Técnicas verticais – Procedimentos
- **ABNT NBR 16760** – Turismo de aventura – Canionismo e cachoeirismo – Requisitos para produto

O profissional (Instrutor de Rapel) deve inicialmente orientar o grupo sobre a prática que será desenvolvida, proporcionando segurança e confiança na operação, especialmente, demonstrando a competência técnica para sua realização e na qualidade dos equipamentos que serão realizados (Spink, Aragaki; Alves, 2005).

Segundo Spink, Aragaki e Alves (2005) quando existe a presença de adrenalina, acontece a superação de limites, o que é comum em praticantes que participam pela

primeira vez, ou que possuem medo de altura, elevando assim, um limite que poderão superar com a atividade. De acordo com Lavoura, Schwartz e Machado (2008), a presença eminente de risco e a possibilidade da experiência e fortes emoções contribuiu na busca pelos esportes de aventura.

Um aspecto importante quanto aos equipamentos, são as certificações, que normatização a qualidade e resistência, comum encontrar nestes equipamentos o selo da *Union Internationale des Associations D'Alpinisme* (UIAA), *European Norm* (CE-EN), ou Norma Brasileira (NBR) com a NBR 15837/2020 de Equipamento de proteção individual contra queda de altura - Conectores.

Por se tratar de uma prática que envolve um alto grau de risco, não há espaço para falhas ou amadorismo (Krakauer, 1999). Neste viés, a importância de conhecer os equipamentos são essenciais, para tanto, na prática do rapel é essencial ter os seguintes equipamentos:

Quadro 2. Equipamentos básicos para realização do Rapel

Finalidade	Equipamentos
Ancoragem	Fita anel Cordeletes Mosquetão Placa de Ancoragem Proteção de corda Corda de segurança fixa
Equipamentos Individuais do Praticante	Capacete Luva Bouldrier (Cadeirinha/Cinto) Mosquetão (alumínio ou aço) Freio (em formato de 8 ou big oito) Balaclava (proteção do rosto/percoço/cabelo)
Equipamentos Individuais do Instrutor	Capacete Luva Cadeirinha/Cinto Mosquetão (alumínio ou aço) HMS ou D Freio (em formato de 8 ou big oito) Extensor (de dois pontos) Apito ou Rádio
Descensão	Corda semi-estática superior a 10mm

Fonte: Os Autores (2025).

Imagen 1. Equipamentos básicos para realização do Rapel

Ancoragem	Equipamento do Praticante	Equipamento do Instrutor	Descensão
 Fita Anel	 Capacete	 Capacete	 Corda semi-estática
 Cordeletes	 Luvas	 Luvas	
 Mosquetão	 Bouldrier	 Bouldrier	
 Placa de Ancoragem	 Mosquetão	 Mosquetão	
 Proteção de Corda	 Freio Oito	 Freio Oito	
 Corda de Segurança	 Bandana/Balaclava	 Extensor	
		 Radio	

Fonte: Os Autores (2025).

Outro fator essencial de segurança, é a importância de que o praticante se mantenha hidratado, para isso é fundamental que leve água potável ou clorin (purificador de água) e também conduza uma alimentação prática e leve que possa ser consumida durante o dia, em virtude de estar em áreas remotas, distantes da área urbana.

No que concerne a segurança da atividade, o rapel é operado por profissionais com notório conhecimento prático e/ou experiência, que ao realizar uma atividade com grupos, é visto a presença de um Instrutor na parte superior da cachoeira (início da descensão), responsável pela ancoragem (inserção do participante na corda “via de descensão”), outro na parte inferior (conhecido como “segue” ou “anjo” que realiza a observação do participante durante a descida até retirá-lo da via “corda”), e aos participantes que é a primeira experiência no esporte ou que porventura não sintam confiança em descer sozinho, outro instrutor realiza a descida lhe acompanhando por outra via, para auxiliá-lo com as técnicas da descida.

Vestimenta

Um fator importante é a vestimenta utilizada na prática do rapel, permitindo uma mobilidade e maior conforto ao participante, garantindo segurança na operação da atividade.

Quadro 3. Vestimenta para realização do Rapel

Finalidade	Material
Individual	Calça (tecido leve e de fácil secagem) Camiseta (manga longa com filtro ultravioleta) Calçado fechado (antiderrapante, flexível e permeável)
Acessórios	É proibido o uso de adornos
Proteção Individual	Repelente Protetor Solar

Fonte: Os Autores (2025).

Condicionamento físico e mental

O Rapel é uma atividade que não exige alto nível de preparação física, entretanto pessoas que tem pré-disposição para atividade física tendem a ter um fortalecimento maior para os atritos do ambiente remoto ao qual será exposto, com trilhas em ambientes inclinados, escalaminhada em rochas, e ambientes escorregadios.

Inclusão e acessibilidade ao local

A inclusão e a acessibilidade em espaços de ecoturismo, como trilhas e cachoeiras, representam um desafio e uma oportunidade para a promoção da igualdade de oportunidades e do direito de todos ao lazer e ao contato com a natureza. A topografia acidentada, a falta de infraestrutura adequada e a ausência de informações acessíveis são alguns dos obstáculos que impedem a participação plena de pessoas com deficiência nesses ambientes.

No entanto, a implementação de soluções como o planejamento, o uso de tecnologias assistivas, a capacitação e sensibilização de profissionais, a disponibilização de informações acessíveis podem transformar esses espaços em destinos acolhedores e inspiradores para todos. Ao priorizar a inclusão e a acessibilidade, o ecoturismo fortalece seu papel como um agente de transformação social, promovendo a saúde, o bem-estar e a valorização da diversidade.

Educação para a sustentabilidade ambiental

Conscientes do acesso em áreas remotas naturais, é obrigatório o recolhimento de lixos decorrentes de alimentação e/ou outro fator que o praticante tenha levado para o espaço de visitação, necessitando o seu recolhimento e destarte na área urbana em local adequado.

Relato da experiência na técnica de descida

Consoante a proposta de realização da prática do rapel em paredões de cachoeira, é notório evidenciar a emoção, adrenalina, bem como reforçar os critérios de segurança para conduzir a atividade, de forma que descrevo a seguir a experiência da prática:

A primeira vez que me vi diante de um paredão rochoso, com a corda estendida e o abismo à minha frente, confesso que o frio na barriga foi inevitável. Mas a adrenalina pulsante e a promessa de uma vista espetacular me impulsionaram a dar o primeiro passo.

Com o equipamento de segurança ajustado e as instruções do instrutor ecoando na minha mente, iniciei a descida. A sensação de estar suspenso no ar, controlando meu próprio movimento, é indescritível. Aos poucos, o medo se transformou em êxtase, e a paisagem se revelou em toda a sua imponência.

A cada metro descido, a perspectiva mudava, revelando detalhes que jamais seriam vistos de outra forma. A brisa no rosto, o som da água caindo e a sensação de liberdade criaram uma sinfonia única, que me transportou para um mundo à parte.

O rapel não é apenas um esporte radical, mas uma experiência sensorial completa. É a superação de limites, a conexão com a natureza e a celebração da vida em sua forma mais pura. Ao tocar o chão, a sensação de conquista era indescritível, misturada com a vontade de repetir a dose.

Se você busca aventura, adrenalina e uma conexão profunda com a natureza, o rapel é uma experiência que certamente irá te marcar. Prepare-se para sentir a emoção pulsante, a liberdade de voar e a beleza de paisagens que jamais serão esquecidas.

Considerações finais

Com base na análise dos dados apresentados e na descrição da experiência prática do rapel em Quirinópolis, Goiás, é possível tecer a importância da segurança e do profissionalismo na prática do rapel. A adesão às normas técnicas da ABNT, o uso de equipamentos certificados e a presença de instrutores qualificados são fatores cruciais para mitigar os riscos inerentes à atividade e garantir a segurança dos participantes. A negligência desses aspectos pode acarretar em acidentes graves, comprometendo a integridade física dos praticantes e a reputação do turismo de aventura na região.

A experiência relatada evidencia o potencial do rapel como uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e de conexão com a natureza. A superação de limites, a sensação de liberdade e a contemplação da paisagem natural proporcionam uma experiência transformadora, capaz de gerar memórias duradouras e fortalecer o senso de autoconfiança.

Este estudo elucida a relevância do turismo de aventura como um vetor de desenvolvimento econômico e social para Quirinópolis. A exploração sustentável dos atrativos naturais da região, como as cachoeiras e trilhas, pode impulsionar o turismo local, gerar empregos e renda, e promover a valorização do patrimônio natural e cultural.

No entanto, é fundamental que o desenvolvimento do turismo de aventura em Quirinópolis seja pautado pela sustentabilidade ambiental e pela inclusão social. A preservação dos ecossistemas locais, o respeito às comunidades tradicionais e a promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência são aspectos que não podem ser negligenciados.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de pesquisas futuras que investiguem os impactos psicológicos e sociais da prática do rapel, bem como a sua aplicação em contextos educacionais. A compreensão dos benefícios e riscos do rapel pode subsidiar a criação de programas e políticas públicas que incentivem a prática segura e responsável do esporte.

Agradecimentos

À CAPES pela bolsa de mestrado. Ao PPGAS-UEG pelo viés técnico/científico no desenvolvimento da pesquisa. À Prefeitura de Quirinópolis (Termo de Cooperação nº 08/2022, Processo SEI N. 202200020002041, publicado no Diário Oficial/GO nº 23.892, de 30 de setembro de 2022, Ano 186, p. 113), por propiciar o apoio inicial na infraestrutura, equipamentos e recursos necessários à execução dessas atividades técnicas. Ao Elite Rapel pelo auxílio nas atividades de acesso as Cachoeiras.

Referências

- ALMEIDA, L. G. V. **Ritual, risco e arte circense**. Brasília, DF: UNB, 2008.
- ASCROFT, F. **A vida no limite**: a ciência da sobrevivência. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECK, U. **Risk society**: Towards a new modernity. London: Sage, 1993.
- Goiás Turismo. Bora pra Goiás. Disponível em:
<https://www.goiasturismo.go.gov.br/pt/destinos/quirinopolis>. Acesso em 9 mar. 2025.
- Innova Safety. O que é Rapel?, 2021. Disponível em:
<https://www.innovasafety.com.br/o-que-e-rapel>. Acesso em 9 mar. 2025.
- KRAKAUER, J. **In the air**: a personal account of the Mount Everest disaster. New York: Anchor Books. 1999.
- LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-127, 2008.
- LE BRETON, D. **La sociologie du risque**. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.
- PAIXÃO, J. A., COSTA, V. L. M., GABRIEL, R. E. C. D., KOWALSKI, M., & TUCHER, G. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, 23(2), 415-425, 2011.
- SLOVIC, P. The legitimacy of public perceptions of risk. **Journal of Pesticide Reform**, 10(1), 13-15, 1990.
- SPINK.M. J. P; ARAGAKI. S. S; ALVES. M. P. Introdução: Da Exacerbação dos Sentidos no Encontro com a Natureza: Contrastando Esportes Radicais e Turismo de Aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol. 18, n. 1, p.26-38, 2005.
- TAHARA, Alexander Klein; FILHO, Sandro Carnicelli. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivo de Ciências do Esporte** – v.1 n.1 p.60-66, março 2012.
- TORRES, D., CARVALHINHO, L., VERIATO, M., MATEUS, N., MATA, C. Perceção do risco e ocorrência de lesões entre praticantes e técnicos de Canyoning. **Revista**

da UI_IPSantarém. 11(1), e27890, 2023. Disponível em:

<https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/27890>. Acesso em: 09 mar. 2025.

XAVIER, E. M.; FERREIRA, R.; FERRAZ, S.; GALHARDO, W. C.; ALMEIDA, M. A. B.

Projeto 'Alturoterapia': rapel e atividade física para cadeirantes. EFDeportes.com,

Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 171, Agosto de 2012. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd171/rapel-e-atividade-fisica-para-cadeirantes.htm>.

Acesso em: 9 mar. 2025.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidencia a importância da integração entre Educação para a Sustentabilidade e Ecoturismo como pilares fundamentais para o desenvolvimento sustentável e a promoção de experiências turísticas transformadoras no Brasil. O turismo de experiência, em particular, apresenta-se como uma abordagem inovadora, oferecendo aos turistas vivências imersivas, educativas e emocionais que transcendem a mera contemplação dos destinos.

Neste contexto, a Educação para a Sustentabilidade apresentada no capítulo I emerge como um componente essencial, não apenas informando os visitantes, mas também sensibilizando-os quanto à necessidade de preservar os recursos naturais e valorizar as culturas locais.

O estudo de caso das cachoeiras do município de Quirinópolis, Goiás, consoante ao capítulo II ilustra as possibilidades quanto à implementação do Ecoturismo em áreas de alto potencial natural. Este processo possibilita não apenas a caracterização e o mapeamento detalhado dos atrativos, mas também a estruturação de estratégias que equilibrem a exploração econômica com a conservação ambiental.

No capítulo III deste trabalho, observa-se um estudo do levantamento do potencial do ecoturismo no município de Quirinópolis a par de uma análise com uso da matriz *SWOT*, utilizada na gestão empresarial, evidenciado as Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças de um determinado negócio/projeto.

O capítulo IV relata a experiência da realização de rapel em paredões de cachoeiras, demonstrando as principais normas de segurança para este tipo de atividade e procedimentos para operacionalização.

Os resultados indicam que o Ecoturismo, quando adequadamente planejado e gerido, pode servir como uma alternativa viável ao uso predatório dos recursos naturais, contribuindo para a conservação da biodiversidade e a melhoria das condições socioeconômicas locais. Além disso, o fortalecimento de uma rede de profissionais capacitados e de infraestrutura adequada são aspectos indispensáveis para garantir que o turismo local não apenas atenda às expectativas dos visitantes, mas também ofereça experiências autênticas e sustentáveis.